



JORNALISMO INTERPRETATIVO EM PODCASTS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS 'CAFÉ DA MANHÃ' e 'ESTADÃO NOTÍCIAS'

Mestrando: Eduardo Vieira da Silva

Orientadora: Prof. Dra. Luciana Menezes Carvalho

São Borja
2024



JORNALISMO INTERPRETATIVO EM PODCASTS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS 'CAFÉ DA MANHÃ' e 'ESTADÃO NOTÍCIAS'

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Menezes Carvalho

São Borja

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S586j Silva, Eduardo
JORNALISMO INTERPRETATIVO EM PODCASTS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS
'CAFÉ DA MANHÃ' e 'ESTADÃO NOTÍCIAS' / Eduardo Silva. 97 p.
Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa, MESTRADO
EM COMUNICAÇÃO E INDÚSTRIA CRIATIVA, 2024.
"Orientação: Luciana Carvalho".
1. Jornalismo interpretativo . 2. Jornalismo digital . 3. Podcast
jornalístico . 4. Podcast . 5. Gêneros jornalísticos .
I. Título.

EDUARDO VIEIRA DA SILVA

JORNALISMO INTERPRETATIVO EM PODCASTS: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS ‘CAFÉ DA MANHÃ’ e ‘ESTADÃO NOTÍCIAS’

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Comunicação e Indústria Criativa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Comunicação e Indústria Criativa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luciana Menezes Carvalho

Dissertação defendida e aprovada em: 11 de abril de 2024.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Luciana
Menezes Carvalho

Orientadora
(UFSM/Unipampa-PP
GCIC)

Prof.^a Dra. Vivian de
Carvalho Belochio
(PPGCIC-Unipampa)

Prof.^a Dra. Mirian
Redin de Quadros
(UFSM)

https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=1546818&infra... 1/2 13/04/2024, 10:10 SEI/UNIPAMPA - 1414379 - SISBI/Folha de Aprovação

Assinado eletronicamente por **Luciana Menezes Carvalho, Usuário Externo**, em 12/04/2024, às 16:33, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as norma vas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Mirian Redin de Quadros, Usuário Externo**, em 12/04/2024, às 19:39, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as norma vas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VIVIAN DE CARVALHO BELOCHIO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/04/2024, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as norma vas legais aplicáveis.



A auten cidade deste documento pode ser conferida no site [h ps://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1414379** e o código CRC **A7769270**.

Dedico este trabalho a meus pais:
Teresinha Vieira da Silva e José Carlos
da Silva.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Teresinha Vieira da Silva e José Carlos da Silva, que sempre apoiaram os meus estudos.

Aos professores do PPGCIC, em especial à professora Luciana Carvalho, pelas orientações e apoio ao longo do curso.

Aos colegas de mestrado Jonas Weber Brum e Milene Marchezan da Silva, que se tornaram meus amigos nestes dois anos.

À Unipampa, instituição que me possibilita ensino, trabalho e desenvolvimento humano.

“Se antes as universidades eram para poucos, hoje, novos rostos, cores e saberes diversificam os espaços de poder político e intelectual no Brasil”.

Manuela Morais

RESUMO

A presente dissertação se propôs a investigar como elementos do gênero jornalismo interpretativo estão sendo apropriados por podcasts desenvolvidos por franquias jornalísticas. Para atingir esse objetivo, foram analisados dez episódios dos programas 'Café da Manhã' (Folha de São Paulo) e 'Estadão Notícias' (O Estado de São Paulo). Na revisão teórica, foram utilizados autores de referência do jornalismo, como Beltrão, Marques de Melo e Erbolato. Foi realizada, ainda, uma recuperação das cinco gerações do jornalismo digital e a inserção do formato podcast nas duas fases mais recentes, passando por conceitos de Canavilhas, Barbosa, Jenkins, entre outros. Por sua vez, essa mídia sonora digital foi descrita em suas características gerais, história e classificações, além de considerações específicas sobre a vertente jornalística. Como técnica metodológica de pesquisa, foi adotada a semana construída, constituída por cinco dias, que compreenderam um período de tempo de cinco meses. Os resultados sugerem que os dois programas procuram interpretar os fatos e explicar ao público, contudo, as características específicas das mídias sonoras digitais são fatores que influenciam essas produções.

Palavras-Chave: Jornalismo interpretativo; Podcast; Podcast jornalístico.

RESUMEN

Esta disertación se propuso investigar cómo los podcasts desarrollados por franquicias periodísticas se están apropiando de elementos del género periodístico conocido como periodismo interpretativo. Para lograr este objetivo, se analizaron diez episodios de los programas 'Café da Manhã' (Folha de São Paulo) y Estadão Notícias (O Estado de São Paulo). También hubo una reinterpretación de autores periodísticos de renombre como Beltrão, Marques de Melo e Erbolato. También se realizó una recuperación de las cinco generaciones del periodismo digital y la inserción del formato podcast en las fases más recientes, utilizando conceptos de Canavilhas, Barbosa, Jenkins, entre otros. A su vez, se describió este medio sonoro digital en sus características generales, historia y clasificaciones, así como consideraciones específicas sobre el aspecto periodístico. Se adoptó como método de investigación la semana construida, compuesta por cinco días, que abarcó un período de tiempo de cinco meses. Los resultados sugieren que ambos programas buscan interpretar los hechos y explicarlos al público, sin embargo, las características específicas de los medios sonoros digitales son factores que influyen en estas producciones.

Palabras-Clave: Periodismo interpretativo; Podcast; Podcast periodísticos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro que compara os meios em que a população se informa com a avaliação do presidente da República em 2021, Jair Bolsonaro.....	15
Figura 2: Site da Folha de São Paulo com chamadas para episódios do podcast 'Café da Manhã'	57
Figura 3: Site d'O Estado de São Paulo que apresenta a chamada para o episódio mais recente do podcast 'Estadão Notícias'	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos gêneros jornalísticos.....	29
Quadro 2: Classificação dos gêneros radiojornalísticos.....	31
Quadro 3: Tipos de podcast.....	46
Quadro 4: Classificação de podcasts jornalísticos.....	52
Quadro 5: Semana Construída.....	59
Quadro 6: Protocolo de análise.....	61
Quadro 7: Resultados das análises.....	79

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	28
2.1 Jornalismo interpretativo.....	33
3. JORNALISMO DIGITAL	37
3.1. As cinco gerações.....	39
4. PODCAST.....	44
4.1 Podcast jornalístico.....	51
5. JORNALISMO INTERPRETATIVO NOS PODCASTS.....	56
5.1 Procedimentos metodológicos.....	58
5.2 Análise dos episódios.....	62
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS	87

1 INTRODUÇÃO

O cenário atual da Comunicação pode ser caracterizado pela abundância de dados e pela desinformação. Entre as consequências, é possível identificar o impacto causado no processo democrático, como Da Empoli (2019) demonstrou em relação à atuação de especialistas em análise de dados e o discurso de lideranças políticas. A quebra da mediação profissional, segundo o autor, facilitou o avanço de governantes extremistas e está corroendo a institucionalidade.

As interações humanas cada vez mais mediadas pelo uso de telas fazem parte desse universo. Nesse contexto, o jornalismo é demandado a apresentar respostas que busquem dar sentido ao que está sendo produzido. Esta investigação parte da premissa que os podcasts desenvolvidos por franquias jornalísticas podem representar uma das formas possíveis de enfrentamento a esses problemas, fazendo uso de elementos de gêneros tradicionais da atividade profissional, como o interpretativo, foco desta dissertação.

O podcast representa um produto contemporâneo criado para ser distribuído em ambientes digitais. Para esta dissertação é adotado o conceito de mídias sociais digitais, onde esse formato de áudio pode ser encontrado. Conforme Carvalho e Barichello (2013, p.240), a denominação de mídia social digital caracteriza “esta nova ambiência de fluxos informacionais e comunicacionais que ocorrem a partir de ferramentas disponíveis nas redes digitais”. As autoras ressaltam a participação ativa dos usuários, que acontece por meio de comentários, compartilhamentos, disseminação de informações, além de outras formas de utilização e apropriação.

A respeito das franquias jornalísticas, parte-se do princípio de que elas possibilitam “expandir a imagem de marca ao fornecê-la a um conteúdo em outra plataforma com a mesma insígnia de um meio de comunicação tradicional e dotado de credibilidade” (DIAS SOUZA e MIELNICZUK, 2009, p.37). Para este estudo, as empresas jornalísticas Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo podem ser consideradas franquias, já que além das versões impressa e digital dos seus jornais também estão estendendo as suas marcas para outros formatos,

como o podcast.

Nesse sentido, se a busca pela internet está crescendo, o consumo de jornais impressos reduziu. A circulação dos periódicos caiu em média 16,1% em 2022 (PODER 360, 2023). Os dados indicam, ainda, que os quinze maiores jornais do país venderam 843.231 exemplares em 2019, caindo para 394.130 edições comercializadas no ano de 2022. Ou seja, a retração superou os 50%. O periódico mineiro Super Notícia, por exemplo, registrou individualmente uma queda de 37,5% (PODER 360, 2023). Cumpriu-se, em certa medida, a projeção de Dines (2009, p.23): “ao assumir a sua vulnerabilidade e a morte iminente, o jornalismo impresso – a imprensa – apresenta-se diante da sociedade moderna como uma entidade obsoleta, frágil. Portanto, inconfiável”. A mídia impressa, desta forma, necessitaria apresentar uma resposta frente ao desafio da queda de circulação das suas tiragens, recuperando a credibilidade e a confiança dos leitores.

Em contraste, a internet tornou-se o meio mais utilizado pelos brasileiros para se informar (PODERDATA, 2021). O levantamento apontou que 43% do público que foi entrevistado informa-se pela Internet, sendo 22% por meio de mídias sociais digitais – chamadas de redes sociais na referida pesquisa - e 21% por meio de sites e portais. Entre os jovens de 16 a 24 anos de idade, 35% declararam que as mídias sociais digitais são a sua principal fonte de informação.

Ainda de acordo com o que sugere a pesquisa, a preponderância dos meios digitais poderia estar refletindo em alguma medida na avaliação dos governantes, principalmente aqueles com presença mais constante nas mídias digitais. Trinta e cinco por cento dos entrevistados que afirmaram se informar por meio das mídias sociais digitais consideraram ótimo ou bom o desempenho do presidente da República à época, Jair Bolsonaro¹, contra 17% que o apontaram como ruim ou péssimo. Já entre quem declarou buscar informações na TV, 26% definiram o chefe do Executivo brasileiro como ótimo ou bom, ante 44% que o reputaram como ruim ou péssimo, conforme ilustra a Figura 1.

¹ Jair Messias Bolsonaro, 38.º presidente da República Federativa do Brasil entre 2019 e 2022.



Figura 1. Quadro que compara os meios em que a população se informa com a avaliação do presidente da República em 2021, Jair Bolsonaro (Crédito da imagem: Poder 360).

No que diz respeito ao acesso em geral à internet, 81% da população brasileira utilizou a rede em 2021 (TIC DOMICÍLIOS, 2021). Em 2019, eram 74%. O celular foi o meio mais usado para esse acesso, seguido pela TV. Exclusivamente na área urbana, 82% da população acessou a internet em 2021, de acordo com o levantamento.

Neves e Borges (2020, p.5) vão ao encontro da premissa que sugere o aumento da busca de informação por meio da internet. Conforme as autoras, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstraram que 76,4% dos acessos dos usuários na web em 2016 foram para realizar atividades de informação, procurando conteúdos informativos. Ainda de acordo com o estudo, 92,4% das pessoas utilizaram aplicativos de celulares.

Por outro lado, em 2023 a situação foi modificada, já que 30% preferiram se informar pelas mídias sociais digitais, contra 22% que seguiram optando pelos

canais das mídias tradicionais (DIGITAL NEWS REPORT, 2023). Uma das explicações é que o público entre 18 e 24 anos escolheu publicações mais divertidas produzidas por criadores de conteúdo digital e não por jornalistas.

A partir desse arrazoado, considera-se que a relevância desta investigação está na reflexão sobre a atuação das franquias jornalísticas no cenário multiplataforma da convergência. Belochio (2012) demonstrou como essa distribuição pode ocorrer, com implicações nos contratos de comunicação que as empresas jornalísticas estabelecem com os seus públicos. Conforme avaliou a autora, “o público modifica sua visão sobre o consumo e a interação que pode ter com os conteúdos jornalísticos. Por outro lado, os próprios jornalistas alteram a sua forma de produzir e de pensar os formatos” (BELOCHIO, 2012, p.18). O modo como é projetado o perfil do consumidor de produtos noticiosos também pode sofrer alterações nesse processo.

Como sugerido pelos dados apresentados pelo IBGE, o público está cada vez mais buscando informações na internet, que pode ser feito em canais institucionais das franquias jornalísticas ou em mídias sociais digitais como os grupos de WhatsApp. O jornalismo profissional deve, portanto, procurar esses espaços para ocupá-los e qualificá-los. Assim, é possível tentar também reverter a tendência de crise do seu modelo de negócios, além de colaborar com o aperfeiçoamento do processo democrático, que não pode prescindir de cidadãos bem-informados.

Carvalho (2010) já refletiu sobre o problema da desintermediação das mídias sociais digitais e acerca da crise de legitimação institucional do jornalismo. A imprensa estaria, contudo, sendo atingida por um fenômeno maior, uma crise geral das instituições:

A crise de legitimação das instituições afeta diretamente o jornalismo, que tem no papel de intermediação um aspecto primordial de sua legitimação social. Esse papel, antes reservado aos membros desse campo especializado, dessa instituição, fica diluído pelos demais setores da sociedade, fazendo parte das rotinas dos indivíduos e grupos nas redes digitais (Carvalho, 2010, p.55 e 56).

Após mais de uma década, o que se pode observar é um ecossistema midiático em que todos estão produzindo e consumindo informação. A crise de legitimação do jornalismo permanece em discussão, assim como o

questionamento das outras instituições.

As mudanças tecnológicas podem modificar o comportamento dos indivíduos, com consequências sociais. Para Castells (2007, p.17), “nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. A sociedade é que dá forma à tecnologia de acordo com as necessidades, valores e interesses”. É preciso pontuar, contudo, que nem sempre esses interesses são coletivos, como será observado nesta dissertação em relação ao debate sobre regulação das mídias sociais digitais.

Uma dessas tecnologias em ascensão é o podcast. O formato cresceu no Brasil nos últimos cinco anos, gerando oportunidades e controvérsias em vários setores. Seja produzido por profissionais ou por amadores, visando lucro ou por entretenimento, falando sério ou divertindo-se, o conteúdo digital conquistou adeptos. Ouvir podcasts virou hábito para uma parte da população.

Em torno de 40% dos brasileiros entre 16 e 65 anos de idade ouviram pelo menos uma vez algum programa nesse formato no ano de 2021 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2021). Nesse contexto, empresas jornalísticas lançaram os seus produtos, como o ‘Café da Manhã’² (Folha de São Paulo), de 2019, e o ‘Estadão Notícias’³ (O Estado de São Paulo), de 2017. Esses podcasts jornalísticos, que se propõem a abordar os temas considerados mais importantes do momento, analisando em profundidade as notícias e dialogando com especialistas e outros convidados, foram definidos como objeto de análise desta pesquisa.

A escolha pelas duas produções de áudio digital justifica-se pela importância e pela abrangência dessas empresas jornalísticas responsáveis pelos conteúdos - os jornais Folha de São Paulo e Estado de São Paulo. São veículos de comunicação que possuem alcance nacional, décadas de trabalho no setor e capacidade de influenciar o debate público. Os podcasts contam com equipes de jornalistas de relevância no seu segmento e que têm acesso aos materiais produzidos por esses profissionais, como reportagens exclusivas. Os episódios, inclusive, reproduzem parcialmente esses conteúdos.

² <https://open.spotify.com/show/6WRTzGhq3uFxmrxHrHh1lo>

³ <https://open.spotify.com/show/6WeEVB3qR5VILY2w0CFGiF>

Outros critérios adotados foram o engajamento e a audiência alcançados pelos dois produtos digitais. O ‘Café da Manhã’ atingiu no ano de 2023 um milhão de seguidores no Spotify (FOLHA DE SÃO PAULO, 2023). Já o ‘Estadão Notícias’ comemorou ainda em 2019 a marca de três milhões de downloads realizados pelo público (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2019).

Para Burchard (2021, p.39 e 40), o que ocorre nesses podcasts é um processo de convergência, “um modo de autorreferência, retroalimentação e autopromoção que a instituição jornalística faz entre suas plataformas, oferecendo a informação em diferentes formatos e promovendo o produto em áudio”. Entende-se, também, que é válido para a reflexão sobre o jornalismo compreender como veículos tradicionais de mídia estão atuando na internet e buscando adaptar-se a essas mudanças. Esse tema será retomado e desenvolvido no capítulo sobre os procedimentos metodológicos.

Sobre os podcasts em geral, Bonini (2020, p.14) definiu o formato como “uma tecnologia para distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo sonoro produzido por tradicionais editores, como rádio, companhias editoriais, jornalistas e instituições educacionais”. Do mesmo modo, o autor destacou que profissionais independentes, artistas e criadores amadores também produzem os seus conteúdos de áudio digital.

Já Flores (2014, p.16) caracterizou o podcast como “um processo midiático baseado em emissões sonoras, que utiliza a internet como suporte para seu funcionamento e propagação de suas mensagens”. A autora cita como atrativos o fato de ser uma produção independente com custos considerados baixos para a sua realização, tornando-se mais acessível para quem faz e para quem consome. Ela o diferencia do rádio pela não obrigatoriedade da transmissão em tempo real, ou seja, o formato assíncrono.

Silva (2019, p.25) também entende que podcast e rádio são mídias distintas, já que a primeira pode utilizar, por exemplo, o recurso de *feeds*⁴ para informar o público sobre as suas atualizações. Dessa forma, os assinantes ou

⁴ Sequência de publicações padronizadas que informam sobre os novos conteúdos que estão disponíveis.

seguidores automaticamente sabem quando novos conteúdos ou episódios são publicados nas plataformas. O formato proporcionaria, ainda, menos dependência em relação às empresas privadas que fazem anúncios comerciais em programas de rádio. A própria audiência pode financiar o projeto digital, que seria independente de patrocinadores tradicionais. A linguagem adotada no podcast também tende a ser ainda mais informal do que aquela que já é usada no rádio, em função do ambiente de descontração criado pelos apresentadores.

O contexto em que esses produtos jornalísticos de áudio digital foram criados está marcado pela chamada desordem informacional. Conforme Wardle e Derakhshan (2023), o fenômeno ocorre de três formas diferentes: informação falsa, desinformação e informação maliciosa. A informação falsa ocorre quando dados inverídicos são divulgados sem a intenção de causar danos a terceiros. É considerado desinformação quando informações falsas são compartilhadas com o objetivo de ocasionar prejuízos ou lesar. Por fim, a informação maliciosa acontece quando dados verdadeiros e sigilosos são veiculados fora de contexto e com a finalidade de prejudicar outros, com vazamentos de informações particulares, por exemplo.

Durante a pandemia da Covid-19, a Organização Mundial de Saúde (OMS) reconheceu que estava em curso uma infodemia. A expressão trata do excesso de informações, que nem sempre são verdadeiras, conforme Roxo e Aguiar (2021, p.141): “a desordem informacional influencia a opinião pública e a maneira como esta lida com questões prioritárias da sociedade, como as disputas eleitorais, as instituições democráticas e, até mesmo, a crise sanitária”. Os autores observaram que há uma estratégia para deslegitimar o jornalismo profissional, abrindo espaço para a disseminação de conteúdos imprecisos.

Portanto, além do desafio de hierarquizar os fatos, dando a dimensão devida que cada um deles precisa ter, a abundância de dados produzidos resulta em outras preocupações, como a degradação da democracia. Mello (2020, p.23). evidenciou que a eleição presidencial do Brasil em 2018 foi influenciada por informações falsas. Conforme a autora, para derrubar um governo não é mais necessário um golpe de Estado no sentido convencional, mas sim “basta inundar

as redes sociais e os grupos de WhatsApp com a versão dos fatos que se quer emplacar, para que ela se torne verdade e abafe as outras narrativas, inclusive e sobretudo as reais”. A violência digital também aumenta em função dessa prática.

Da Empoli (2019, p.145) já havia relacionado a produção de informações falsas com os recursos disponibilizados pela tecnologia da informação e o impacto nas eleições, fenômeno presente em vários países. De acordo com o autor, “graças à internet e às redes sociais, nossos hábitos, nossas preferências, opiniões e mesmo emoções passaram a ser mensuráveis”. Os sentimentos humanos, portanto, são cada vez mais manipulados por meio da utilização de recursos tecnológicos a cada dia mais desenvolvidos, como é o caso dos algoritmos. O desafio da produção jornalística é permanecer relevante diante desse cenário hostil. Com a abundância de notícias que estão circulando – verdadeiras ou não - o público necessita de uma melhor interpretação dos fatos.

Interpretar ou analisar assuntos expostos no noticiário são práticas que remetem a um gênero jornalístico conhecido como interpretativo. Para Beltrão (1980, p.55), a modalidade “oferece diferentes ângulos de visão da situação, complementando-as com históricos, depoimentos, dados estatísticos, documentário fotográfico, outras ilustrações, enquadramentos ideológicos”. É uma vertente que o jornalismo criou para explicar ao público as causas e os possíveis desdobramentos dos assuntos que pautam o noticiário, preenchendo os vazios informativos. O trabalho aqui proposto busca identificar se, e de que forma, essas características expostas por Beltrão e por outros autores também estão presentes nos episódios dos dois podcasts mencionados, como análises, entrevistas com especialistas e contextualizações de uma temática.

Com o surgimento de produtos de áudio em formato digital, empresas jornalísticas buscaram ocupar o espaço dos ambientes da internet com a expertise por elas adquirida ao longo de décadas. Esta dissertação parte da premissa que os podcasts criados por profissionais da comunicação revisitariam e atualizariam o gênero jornalístico definido como jornalismo interpretativo. O pressuposto é que esses produtos midiáticos estariam apropriando-se de elementos de um conceito clássico do jornalismo. Segundo Marques de Melo (2012, p.25), na internet há

uma “coexistência de todas as modalidades de expressão jornalística numa plataforma midiática convergente”. O autor faz referência ao fato de que os estudos sobre a relação entre gêneros jornalísticos e mídias sociais digitais necessitam de mais discussões.

Cabe ressaltar também como as franquias jornalísticas apropriam-se das mídias digitais, como é o caso do podcast. Em relação ao ‘Café da Manhã’ e ao ‘Estadão Notícias’, os dois produtos foram desenvolvidos por equipes dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Nas duas iniciativas, empresas jornalísticas tradicionais apropriaram-se de um formato e de uma linguagem que não surgiu a partir da imprensa, fazendo as adaptações necessárias. Como será mais bem observado em um capítulo específico, o podcast iniciou as suas atividades com produções amadoras em um movimento disruptivo.

Para esta dissertação considerou-se que o jornalismo interpretativo pode auxiliar o público em relação à ordenação dos fatos do cotidiano, por meio de um filtro e de uma curadoria profissionalizados. Erbolato (2001, p.30 e 31) aponta que o gênero é “também conhecido como jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional”. O objetivo, segundo o autor, seria complementar as informações divulgadas no noticiário. Para tanto, a pesquisa – que já era utilizada no informativo - passou a ser intensificada pela reportagem interpretativa, além do hábito de potencializar como fonte o arquivo dos jornais e das bibliotecas. Aprofundar o debate público distingue a modalidade interpretativa, servindo como um suporte para a compreensão dos assuntos.

A responsabilidade do jornalismo na divulgação de informações é um pressuposto da profissão. Embora tenham ocorrido mudanças ao longo do tempo – fundamentalmente com o avanço e desenvolvimento da internet – essa característica permanece. Sendo assim, uma análise sobre como a atividade está sendo desempenhada nos formatos digitais torna-se pertinente.

A popularização da produção de conteúdo nas mídias sociais digitais oportunizou a discussão sobre a liberdade de expressão na internet. Andrade & Andrade (2022) observaram que a internet criou a percepção de que o exercício irrestrito desse direito estava autorizado, com identificação ou anonimamente. Os

autores lembram que “a liberdade de expressão, como um dos direitos fundamentais, não é um direito absoluto, está sujeita a limites impostos pelo Ordenamento Jurídico Brasileiro” (p.561). Concluíram que o exercício da liberdade de expressão está condicionado ao respeito por outros direitos como a igualdade e a dignidade da pessoa humana.

Nesse âmbito, o comprometimento dos jornalistas com a apuração rigorosa dos fatos pode ser considerado um ativo intangível para qualificar a sua produção. A ética profissional está intrinsecamente relacionada ao exercício da profissão. Conforme Pereira (2021, p.363), a questão ética, base do fazer jornalístico, “ganhou outra importância diante dos novos meios de comunicação, que colocam à disposição dos cidadãos a possibilidade de intervir no debate público sem os compromissos inerentes ao jornalismo profissional”. Procedimentos técnicos da produção jornalística como verificação e checagem também diferenciam o trabalho profissional.

A responsabilidade jornalística deve estar presente tanto na mídia tradicional quanto na internet. Costa (2021) ponderou que a função do jornalismo continua sendo a mesma independentemente da tecnologia utilizada:

O jornalismo é um ofício e, como tal – óbvio e ululante -, não pode ser exercido sem prática, sem conhecimento, sem critérios, sem preocupação ética. E publicar reportagens, artigos, comentários ou análises por ordem de chegada, ou por ordem alfabética, não é critério jornalístico quando se pensa numa publicação qualquer, porque existem informações mais ou menos relevantes e que merecem maior ou menor destaque em função do contexto, do dia, do interesse público, do inusitado, da injustiça, da oportunidade jornalística (Costa, 2021, p.91).

É necessário, portanto, mediar as relações sociais alicerçado em um método. Não se deve publicar tudo. Como ressalta o autor, o interesse público deve ser o critério fundamental no momento de selecionar as informações que serão divulgadas.

Miranda (2021, p.82 e 83) vai ao encontro dessa percepção. Ele assinala o caráter imprescindível da ética jornalística, “enquanto espaço delimitado e autônomo de informação pública, responsável e responsabilizável, apto a fornecer à sociedade as informações de que esta necessita para se governar”. Segundo o autor, mudanças ocorridas no Código Deontológico dos jornalistas em Portugal reiteraram que a atividade, quando realizada nas mídias sociais digitais, está

sujeita a cumprir as mesmas obrigações existentes na imprensa tradicional.

Reconhecido que a ética jornalística permanece igual e indispensável nos meios digitais, é preciso avaliar os desafios impostos pelas novas ferramentas e formatos. Miranda (2021, p.82 e 83) cita a diminuição do tempo de produção de notícias, com “ênfase na pontualidade, na simultaneidade, na instantaneidade ou no imediatismo da informação”. Dessa forma, a qualidade da informação publicada corre o risco de ser colocada em um segundo plano. O fluxo contínuo de publicações - característico da internet – reduz a possibilidade de uma análise mais acurada dos fatos. Nesse sentido, o podcast jornalístico oferece uma oportunidade de reflexão diferenciada, além de uma interpretação mais profunda dos fatos do cotidiano.

Ainda de acordo com Miranda (2021, p.88), é necessário estabelecer recomendações para o exercício da profissão na era digital. O autor elenca “o imperativo da verificação e confirmação das informações, a necessidade de diversificação das vozes e do tipo de fontes incluídas nas notícias”. Ele indica aos profissionais da área que rejeitem cumprir um número de funções em excesso, além de adotarem postura de criticidade maior com o material que é veiculado na internet. Descreve, também, que há em curso um movimento pela desaceleração do ritmo de produção, resgatando a importância da reflexão e da profundidade no fazer jornalístico.

É possível constatar, a partir dos autores citados, que o norteamento que o jornalismo na internet precisa perseguir é a seleção mais aprimorada das informações, já que a conjuntura é de abundância de conteúdos. Para tanto, as técnicas e os métodos tradicionais da profissão devem ser reforçados. Em determinadas circunstâncias, resgatados, como é o caso da vertente interpretativa.

Adaptado aos tempos atuais, o exercício responsável do jornalismo valoriza e qualifica o produto criado nas mídias sociais digitais, como é o caso dos podcasts jornalísticos em análise. Entre esses pressupostos, entende-se que o gênero interpretativo deve estar inserido como um instrumento fundamental, que busca colocar ordem no caos de informações. A abordagem explicativa

distancia-se do superficial, estruturando-se no detalhamento dos fenômenos.

O jornalismo está intrinsecamente relacionado à motivação pessoal deste estudo. O autor é jornalista diplomado e desempenha a profissão há quinze anos. Para qualificar a sua formação, inscreveu-se na seleção do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa (PPGCIC) - Mestrado Profissional - da Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja e apresentou como pré-projeto um podcast jornalístico que reconstituiria a história do Festival Itaquiense de Teatro (FIT), denominado Itaqui Em Cena⁵. Após o ingresso no PPGCIC, a produção foi executada no período de dois semestres, ensejando reflexões sobre o fazer jornalístico em tempos de predominância das mídias sociais digitais, marcadamente em relação à instantaneidade e ao tratamento que tende a ser mais superficial.

Houve trabalho de pesquisa, coleta e tratamento de dados, aprofundamento do tema, além de entrevistas com especialistas no assunto, edição de áudio e elaboração de roteiros. A presente dissertação é reflexo desse percurso profissional e acadêmico, já que estuda em profundidade um dos aspectos existentes no Itaqui Em Cena: a produção jornalística no formato podcast. Essa escolha vai ao encontro de uma das linhas de pesquisa⁶ do PPGCIC, que compreende que produtos comunicacionais já são, em si mesmos, a própria Indústria Criativa.

A respeito do enquadramento do tema da dissertação, ocorreram modificações ao longo do tempo. Ao longo do ano de 2022, adotou-se o hábito de ouvir regularmente os podcasts 'Café da Manhã' e 'Estadão Notícias', projetando a futura temática para a pesquisa. Finalmente, optou-se pela análise desses dois podcasts pela perspectiva do jornalismo interpretativo. A escolha levou em conta o fato de os dois produtos terem sido criados por franquias jornalísticas de referência, buscando compreender como esses veículos estão se adaptando ao crescimento das mídias sociais digitais. Em relação ao gênero interpretativo, o pressuposto foi que ele poderia ser um meio para tentar organizar a desordem

⁵ <https://open.spotify.com/show/4yCVbRvsPURA4bJI2heCtt>

⁶ <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/linhas-de-pesquisa/>

informativa presente na Internet.

A respeito da questão definida como **problema de pesquisa** desta dissertação, a pergunta que se busca responder é: como elementos do gênero jornalístico conhecido como interpretativo são apropriados pelos podcasts ‘Café da Manhã’ e ‘Estadão Notícias’?

Em relação aos objetivos traçados para este projeto, o **objetivo geral** é compreender como os dois podcasts jornalísticos citados no parágrafo anterior apropriam-se de elementos do jornalismo interpretativo.

Já entre os **objetivos específicos** estão: a. conceituar o que é o jornalismo interpretativo e quais são as suas características; b. revisitar as cinco gerações do jornalismo digital e a inserção do podcast nas duas fases mais recentes; c. avaliar de que forma os podcasts podem ser definidos como jornalismo interpretativo.

Sobre a pesquisa que foi empreendida para compreender em que estágio se encontram os estudos sobre o tema escolhido, foram realizadas buscas em junho de 2023 em duas plataformas. A partir da procura pelas palavras-chave ‘podcast jornalístico’ referente ao período dos últimos cinco anos, foram encontrados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes 1.419 resultados, sendo 1054 para dissertações de mestrado e 333 para teses de doutorado. No PPGCIC, Larissa Burchard produziu a dissertação ‘Por trás da reportagem: uma análise sobre o uso da transparência no podcast Café da Manhã’. Esta investigação trouxe contribuições tanto de abordagem quanto de referencial teórico em função de ter analisado um dos podcasts jornalísticos elencados para a atual dissertação.

Já no Google Acadêmico, a busca encontrou 10.600 resultados – também relativo aos últimos cinco anos - e 2.740, referente aos últimos cinco anos. Entre os demais trabalhos localizados no *Scholar*, está o ‘Informação jornalística no rádio: análise de conteúdo comparativa entre o radiojornal Jornal BandNews e o podcast Café da Manhã’ de Gustavo Vilela Ribeiro da Universidade Federal de Uberlândia de 2019. O autor também identificou a presença de gêneros jornalísticos – inclusive a vertente interpretativa - na produção de podcasts, traçando um paralelo com o fazer radiofônico:

No Café da Manhã, o gênero interpretativo está presente por meio de uma grande reportagem em cada edição. Nesse formato, a informação pode ser aprofundada por meio de uma narração que busca contextualizar os acontecimentos historicamente, agregando fatos paralelos que tenham ligação com o principal. Um exemplo disso ocorre na menção ao sequestro do ônibus 174, envolvendo ilustrações, explicação sobre como ocorreu e a relação entre esse acontecimento e o sequestro do ônibus da Ponte Rio-Niterói (Ribeiro, 2019, p.53).

Outro estudo que se destaca é o ‘Jornalismo e Podcast: uma análise dos programas Café da Manhã, Estadão Notícias e Resumão’ de Vanessa Amalia Dalpizol Valiati e Taís Bamberg da Universidade Feevale de 2022. Neste estudo os gêneros jornalísticos também foram analisados, apresentando no *corpus* os dois podcasts elencados nesta dissertação.

Também foi encontrada a pesquisa ‘Podcasts e Valores-Notícia: uma análise de conteúdo sobre O É Da Coisa e O Assunto’ de João Henrique Trojan da Universidade de Passo Fundo de 2022. Vale mencionar, ainda, o “Podcast e Novas Possibilidades para o Radiojornalismo: uma análise de conteúdo do programa O Assunto do G1’ de Pâmela Celina Macedo Maia e Tatyana Sá de Lima da Universidade Federal do Acre de 2020. As autoras ressaltaram a contextualização mais aprofundada dos temas na abertura dos episódios dos podcasts, buscando orientar os ouvintes, além da participação de convidados especialistas nos assuntos abordados.

No artigo ‘Radiojornalismo e Identidade Editorial em Podcasts Noticiosos: um estudo de caso do 123 Segundos’, publicado na Radiofonia – Revista de Estudos em Mídia Sonora, Álvaro Bufarah e Debora Lopez analisaram o programa ‘Expresso BandNews’ e o podcast ‘123 Segundos’. A Rádio BandNews FM é a responsável pelas duas produções midiáticas, sendo que a segunda tem a parceria da plataforma *Spotify*. Os autores identificaram diferenças entre os dois modelos jornalísticos:

Se na transmissão *hertziana*, pela sua fugacidade e pela constante atualização, o *hard news* é o mais importante, no podcast ele deve ser contextualizado brevemente, indicando implicações ou contextos. Isso somado à curta duração do podcast implica em uma ampliação dos critérios de seleção da notícia (Bufarah e Lopez, 2022, p.55).

Após a realização dessa busca, entendeu-se que a reflexão sobre o

jornalismo nos podcasts já foi e continuará sendo objeto de investigações. Contudo, o enquadramento aqui proposto é inédito, por buscar compreender como esses produtos digitais apropriam-se de elementos do jornalismo interpretativo. Nos trabalhos citados, observou-se que os podcasts jornalísticos foram avaliados preferencialmente sob o ponto de vista dos gêneros informativo e opinativo. Portanto, a pesquisa sobre gêneros jornalísticos nos podcasts já está avançada, contudo, ainda faltava uma abordagem mais focada na contribuição da vertente interpretativa nesses conteúdos de mídia digital, que é a proposta desta dissertação.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro recupera conceitos clássicos dos gêneros jornalísticos, com ênfase na discussão sobre o que é o jornalismo interpretativo. No segundo capítulo é abordado o jornalismo digital, apresentando um panorama histórico das suas cinco gerações. A terceira parte conceitua o que é um podcast e quais são as características que definem a vertente jornalística. O capítulo final diz respeito aos procedimentos metodológicos adotados, além de apresentar a análise dos quinze episódios dos dois podcasts que formam o escopo do trabalho.

2. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

A proposta deste capítulo é efetuar uma recuperação histórica das pesquisas sobre gêneros jornalísticos. Há também uma subseção específica sobre o jornalismo interpretativo, uma vez que se partiu do pressuposto de que elementos desse gênero estariam presentes nos podcasts jornalísticos. As bases conceituais foram buscadas em autores tradicionais da área.

Calvino (2002, p.11) defende a importância da consulta às obras de referência. Ele entende que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Também assinala que esses escritos normalmente estão sendo relidos, e não lidos pela primeira vez. No que interessa diretamente a esta pesquisa, considera-se a pertinência dos teóricos de referência dos gêneros jornalísticos.

A necessidade de estudar os gêneros foi uma consequência do processo de especificação do trabalho dos profissionais da área. Estavam surgindo novas concepções e técnicas narrativas. Freire explica que “os estudos sobre gêneros discursivo-textuais (jornalísticos) tem início na primeira metade do século passado, principalmente em razão das mudanças tecnológicas advindas da industrialização da atividade” (2019, p.79). Segundo a autora, o francês Jacques Kayser é tido como pioneiro nessas pesquisas, quando analisou informativos e artigos de opinião de jornais franceses.

A compreensão acerca do que são os gêneros jornalísticos vai ao encontro da própria prática da profissão. De acordo com Seixas (2009, p.1), “aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos”. A autora ressalta que quanto mais conhecimento for reunido sobre os elementos que formam um discurso, melhor será o exercício da atividade jornalística.

A partir das classificações criadas por Beltrão (1976) e Marques de Melo (1985), a pesquisadora elaborou uma compilação formada pelos gêneros informativo, opinativo e interpretativo, exposta no Quadro 1.

Quadro 1 – Classificação dos gêneros jornalísticos

Classificação	Beltrão, Luiz (1969,1976)	Marques de Melo, José (1985)
Informativo	História de interesse humano	Nota
	Notícia	Notícia
	Reportagem	Reportagem
	Informação pela imagem	Entrevista
Opinativo	Editorial	Editorial
	Artigo	Artigo
	Fotografia e ilustração	Resenha
	Crônica	Crônica
	Charge/Caricatura	Caricatura
	Colaboração do leitor	Carta
		Comentário
		Coluna
Interpretativo	Reportagem em profundidade	

Fonte: SEIXAS,2009, p.56, adaptado pelo autor

Nota-se que as categorizações propostas por Beltrão e Marques de Melo são semelhantes, salvo ajustes realizados pelo segundo autor, tanto no informativo quanto no opinativo. Ele acrescentou elementos como entrevista, comentário e coluna. A principal diferença, no entanto, é o jornalismo interpretativo, apresentado pelo primeiro autor. Esse gênero estaria materializado pela reportagem em profundidade.

Freire (2019) comparou os dois modelos. Ela considerou que a classificação de Beltrão teria um caráter funcional, por se basear na função que cada gênero possui em relação ao público: informar, orientar e explicar. Na conceitualização de Marques de Melo, o enfoque estaria na intenção e na

estrutura de cada texto, levando em conta a forma de produzi-los.

Em uma nova pesquisa, Marques de Melo e Assis (2016) iriam sugerir mais três gêneros, totalizando cinco vertentes: informativo (vigilância social), opinativo (fórum de ideias), interpretativo (papel educativo, esclarecedor), diversional (distração, lazer) e utilitário (auxílio nas tomadas de decisões cotidianas):

Se observarmos a evolução dessas classes, a começar pelos gêneros hegemônicos – o informativo (surgido no século 17) e o opinativo (século 18) -, e a eles acrescentando os complementares – interpretativo, diversional e utilitário, que se legitimaram no século 20 (MARQUES DE MELO, 2010) -, veremos que seu surgimento e/ou sua consolidação são sempre respostas às demandas sociais, muitas das quais evidenciadas em momentos históricos datados, especialmente em períodos de crise ou de profundas transformações (ASSIS, 2010). Jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes (Marques de Melo e Assis, 2016, p.50).

Portanto, o papel social do jornalismo pode ser demonstrado nas modificações que ocorreram ao longo do tempo. A sociedade desenvolveu-se e a imprensa acompanhou essa mudança. No que se refere a esta dissertação, a classificação adotada levará em conta os dos cinco gêneros, pois contempla o jornalismo interpretativo. Este formato será analisado na seção 2.1

Acerca do compromisso da imprensa com a cidadania, é pertinente resgatar a dimensão pública da atividade. De acordo com Traquina (2020, n.p.), a arena jornalística tem dois polos em disputa: “o polo econômico (a definição das notícias como um negócio) e o polo ideológico (a definição das notícias como um serviço público)”. É um embate permanente, que em geral colocaria em lados opostos os proprietários dos veículos de comunicação e os jornalistas. Em uma perspectiva dicotômica, o primeiro teria foco no lucro; o segundo, buscaria instruir o cidadão para participar do processo democrático de modo mais consciente.

Chaparro (2008) comparou o jornalismo produzido no Brasil com a atividade exercida em Portugal. Do ponto de vista empresarial, o polo ideológico estaria em vantagem no país europeu, onde os profissionais da redação teriam mais força na definição do que seria publicado. Em terras brasileiras, conforme o autor, prevaleceria a lógica de mercado.

Ainda sobre os gêneros jornalísticos, Assis (2010, p.17) explica que as cinco vertentes propostas possuem conceitos flexíveis. Como ressalta o autor, “é

necessário deixar claro que essas categorias buscam tão somente sinalizar a principal finalidade dos conteúdos jornalísticos”. Portanto, as linhas divisórias entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço são estreitas. A separação é utilizada mais para orientar o trabalho dos profissionais da imprensa e o seu relacionamento com a sociedade.

Medina também considera que os gêneros jornalísticos acompanharam o curso das mudanças históricas. Após o surgimento das categorias informativa e opinativa nos séculos anteriores, os profissionais avaliaram a necessidade de uma nova abordagem, que foi a interpretativa. A revista impressa foi a publicação escolhida. Com o fim da Primeira Guerra Mundial e a crescente demanda por informações, “dois jornalistas fundaram o *Time Magazine*⁷ com o objetivo de mostrar uma outra dimensão da notícia: seus antecedentes, suas significações indiretas e seu contexto” (MEDINA, (1978, p.70).) A autora delimitou a sua avaliação aos três modelos destacados.

Os gêneros jornalísticos também podem ser adaptados ao rádio. Lutch (2009) propôs duas classificações, tanto para gêneros radiojornalísticos quanto para programas radiofônicos, como se pode observar no Quadro 2, na relação entre gêneros e formatos.

Quadro 2 – Classificação dos gêneros radiojornalísticos

Informativo	Notícia, nota, flash, manchete, boletim, reportagem, entrevista
Opinativo	Editorial, comentário, resenha, crônica, testemunhal, debate, painel, charge eletrônica, ouvinte, rádio-conselho
Interpretativo	Coberturas especiais, perfil, biografia, documentário radiofônico, enquete, divulgação técnico-científica
Utilitário	Trânsito, previsão do tempo, roteiro, serviço de utilidade pública, cotação,

⁷ Revista norte-americana de notícias que cobre assuntos internacionais

	necrologia, indicador
Diversional	História de vida, <i>feature</i> radiofônico (história de interesse humano), <i>fait divers</i> radiofônico

Fonte: LUTCH,2009, p.61, adaptado pelo autor

Sobre os programas radiofônicos, a autora relacionou tipos e gêneros, levando em consideração a coerência entre eles. Alguns dos exemplos são: síntese noticiosa (informativo), mesa-redonda (opinativo), roda de imprensa baseada na entrevista (interpretativo), boletim (utilitário) e rádio-revista e/ou variedades (diversional). Há casos em que o programa pode ser enquadrado em mais de um gênero, como o radiojornal (informativo, opinativo e utilitário).

Entre os elementos que constituem as estruturas textuais jornalísticas estão a notícia e a reportagem. A produção de uma notícia passa pela seleção, ordenação e nomeação de eventos, enquanto a reportagem requer um planejamento a partir de uma pauta, em uma narrativa mais elaborada (LAGE apud Borges, 2022). A diferença principal entre ambas seria o projeto de texto, imperioso para a reportagem, baseado em uma pauta pré-estabelecida.

O objetivo de resgatar as definições clássicas dos gêneros jornalísticos foi estabelecer parâmetros para posteriormente poder avançar no tema proposto. O assunto teria outras abordagens, mas que não se enquadrariam na delimitação desta pesquisa. Entende-se que o mérito dessas categorizações foi organizar a forma de narrar os acontecimentos.

A composição formatada por esses modelos trouxe mais sentido para as mensagens. Reiterou, também, o esforço permanente da imprensa em procurar seguir as dinâmicas sociais existentes, apresentando respostas. A seguir o foco da reflexão será o jornalismo interpretativo.

2.1. Jornalismo interpretativo

Como demonstrado, o jornalismo interpretativo não fez parte de todas as propostas de classificação dos gêneros jornalísticos. A vertente surgiu no século XX, enquanto o informativo já existia no século XVII e o opinativo no século XVIII. As sociedades evoluíram e novos desafios foram sendo apresentados. Além de informar e opinar, os jornalistas também evoluíram na explicação dos fatos ao público, buscando construir um relato mais completo dos acontecimentos.

Refkalefsky (1997, p.2 e 3) reforça que a origem do gênero interpretativo está situada no período após a Primeira Guerra Mundial. Nos Estados Unidos da época, “jornalistas e leitores foram pegos no contrapé, não sabiam direito o que significavam as notícias que vinham da Europa, falando do que parecia ser apenas uma guerra civil continental”. Pode-se sugerir, portanto, que aquele cenário guardaria alguma semelhança com os dias atuais, no que se refere às incertezas a respeito das informações. A população daquele país sofria com os impactos causados pelo conflito internacional, sobretudo na questão econômica, mas não conseguia estabelecer a relação de um fenômeno com o outro.

A imprensa, da mesma forma, não dispunha de dados suficientes para conectar os fatos. Segundo Künsch (2005, p.45), naquele contexto, a reportagem interpretativa tentava “dar conta, num ambiente agora de cultura de massa, da muito antiga, humana e ancestral necessidade de narrar a vida e o mundo presentes”. Procurava-se uma explicação para as ocorrências em curso.

Percebe-se, assim, o caráter primordial da interpretação dos eventos e como a sua ausência resulta em problemas concretos para a coletividade. As publicações informativas e os artigos de opinião já não eram capazes de traduzir a complexidade do mundo. Uma outra abordagem precisava ser empregada, com novas técnicas para as publicações jornalísticas.

Nota-se, ainda, a busca pelo sentido das notícias. O gênero interpretativo almeja ir além da divulgação dos acontecimentos. Conforme Erbolato (2001, p.33), “o jornalismo moderno se encarrega não só de noticiar os fatos e as teorias, mas proporciona ainda ao leitor uma explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e suas perspectivas”. Esse esforço é empreendido para dar

suporte ao cidadão em relação às escolhas do seu dia a dia.

A interpretação, porém, não pode adentrar o campo do comentário. De acordo Erbolato (2001, p.34), o gênero “deseja aprofundar-se na análise das ocorrências e complementá-las com matérias paralelas, mas sem que seja emitida qualquer opinião”. Não obstante, reconhece-se que essa explicação poderá ser menos objetiva do que um relato noticioso e mais conciso.

Investigando a atividade profissional dos jornalistas, Beltrão encontrou duas variantes na imprensa: uma extensiva e outra intensiva.

Um jornalismo extensivo – quando há predominância da informação, sem preocupação de análise, produzido sob a pressão do tempo e do espaço e, muitas vezes, influenciado pelas emoções do momento – e um jornalismo intensivo – exercido à base da reflexão, cujos temas e matérias são selecionados e as informações transmitidas do modo mais completo possível em profundidade, desde que se trata de estabelecer e expor o problema criado pelo fato, o elemento estrutural básico do acontecimento. Assim, enquanto o jornalismo extensivo era, por exemplo, o dos noticiosos radiofônicos, o intensivo aparecia mais frequentemente nas revistas (Beltrão, 1980, p.48).

A avaliação sugere, portanto, que o jornalismo intensivo, mais presente em publicações impressas – como as revistas - iria ao encontro do gênero interpretativo. A reflexão ajuda o repórter a levar ao público a explicação dos temas. O informativo/extensivo estaria inicialmente, segundo o autor, mais afeito ao rádio. Vale citar, no entanto, que as notas e notícias dos jornais também se classificam no gênero informativo. Na grande reportagem é que seria possível identificar a presença da abordagem intensiva nas produções.

Em outro momento, Beltrão enfatiza a importância do trabalho em equipe para a construção de um texto explicativo. O autor também delimita os espaços da interpretação e da opinião. Elas devem estar em seções separadas, como editorial ou colunas. A reportagem em profundidade, por sua vez, leva ao leitor a informação “em toda a sua integridade, captada, analisada e selecionada pelo jornalista, ao qual não cabe o diagnóstico, do mesmo modo que no corpo de uma matéria redacional não cabe a propaganda de um produto” (BELTRÃO, 1980, p.52). Dessa maneira, caberá ao público o juízo de valor sobre determinado assunto.

Partindo da premissa de que o jornalismo deve contribuir com a formação

crítica da população, Cordenonssi e Marques de Melo (2008, p.2) salientam que não basta veicular informativos sobre os fatos. Conforme os autores, deve-se “apontar as situações e as circunstâncias relacionadas a ele, a fim de que o receptor possa confrontá-lo com sua própria cultura, analisá-lo e formar opinião”. A interpretação deve apresentar a real dimensão de uma notícia para que o público possa compreender a sua extensão. Nesse sentido, pode adotar um caráter educativo.

A vertente interpretativa dos gêneros jornalísticos pode ter outras denominações. Medina (1978, p.70) definiu o gênero em termos de “informação ampliada”. A essência, entretanto, foi mantida: publicações semanais que traziam grandes reportagens para os leitores.

Freire (2019) recuperou a classificação completa de Marques de Melo com os cinco gêneros. Em relação ao jornalismo interpretativo, o modelo é formado por cinco abordagens: análise, enquete, cronologia, perfil e dossiê. Entende-se que no enquadramento definido para esta pesquisa a análise é o aspecto mais relevante a ser avaliado.

Nessa perspectiva, analisar vai ao encontro da “transição de um texto estritamente informativo, tolhido por normas pouco flexíveis, para um outro padrão textual que admita um componente de análise e certa liberdade estilística” (MANUAL DA REDAÇÃO apud Almeida et al, 2012, p.4). Sendo assim, o interpretativo pode representar a segunda leitura de um fato, mais consistente e ampliada, avançando em relação ao assunto tratado pelo informativo. Em função de significar um reexame sobre determinado tema, pode utilizar os dados básicos do que já foi noticiado.

Embora tenha na revista impressa a sua origem, o gênero interpretativo também está no radiojornalismo, adaptando-se às especificidades do meio. Ferraretto salienta o tratamento diferenciado que os assuntos devem receber para que o ouvinte possa compreender a relevância da narrativa:

O texto manchettato permite o uso de recursos mais interpretativos. Esse gênero ainda está presente em alguns boletins, nos quais o repórter situa o objeto da notícia em um quadro amplo, podendo englobar aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais. No entanto, a forma de contextualizar, por exemplo, um acontecimento não se restringe ao noticiário. Participações de âncora e de comentaristas, bem como

programas de entrevistas e mesas-redondas, transitam por esse gênero, podendo oscilar entre ele e o opinativo. Já o documentário constitui-se em um tipo de conteúdo essencialmente interpretativo (Ferrareto, 2014, p.96).

Faz-se necessária uma observação ao destaque final dado pelo autor a respeito do formato documentário. Ele recorda que a criação de um produto dessa natureza no radiojornalismo guarda semelhanças com a pesquisa jornalística, prática utilizada nos anos 1960 e 1970, no Brasil. Como descrito por Marra (2014, p.226), um texto embasado por uma pesquisa “situa o fato na história, fornece os dados para sua melhor compreensão. Numa palavra, interpreta”. O Departamento de Pesquisa e Documentação do Jornal do Brasil, liderado por Alberto Dines, foi pioneiro nessa iniciativa no país (REFKALEFSKY,1997). Portanto, a pesquisa qualifica a interpretação.

Em relação aos recursos técnicos disponíveis no meio radiofônico, Ferrareto acrescenta a sonoplastia como outra das características que auxilia na construção de sentidos. Trilhas e efeitos sonoros podem ser usados na contextualização de um acontecimento, complementando a linguagem, “além de, com mais facilidade, capturar e manter a atenção do público” (FERRARETO, 2014, p.97). Bufarah e Lopez (2022, p.49) salientaram que, no rádio, “a palavra propõe o conteúdo do fato transmitido, enquanto o ruído, a música e o silêncio ambientam e oferecem ao ouvinte a sensorialidade”. Pela dinâmica do radiojornalismo, o apresentador ou o repórter aproximam o público da narrativa.

Nesta subseção pretendeu-se empreender uma recuperação do conceito e das características do gênero jornalismo interpretativo. Essas premissas servirão como embasamento para o protocolo que será construído com a finalidade de analisar os dez episódios dos podcasts jornalísticos elencados. O resultado será apresentado na parte final desta dissertação. No próximo capítulo são revisitadas as cinco gerações do jornalismo digital e a inserção dos podcasts jornalísticos nas suas duas fases mais recentes.

3. JORNALISMO DIGITAL

O jornalismo digital possui características fundamentais para o seu exercício e que o diferenciam das mídias tradicionais. Entre elas estão a hipertextualidade, a multimídia, a interatividade, a memória, a instantaneidade, a personalização e a ubiquidade (CANAVILHAS, 2014). Neste capítulo são abordados esses aspectos, além da descrição de um panorama das cinco gerações do jornalismo digital.

Embora tenha passado por mudanças com o decorrer do tempo e os avanços tecnológicos, o texto permanece sendo um formato utilizado com frequência na internet, e continua sendo essencial no jornalismo. Segundo Canavilhas (2014, p.3 e 6), “no que concerne às questões técnicas, deve salientar-se que o texto sempre foi a melhor opção por se tratar de um conteúdo menos exigente em termos de velocidade de acesso”. Em relação ao uso do hipertexto, o autor entende que, com variações, dois elementos estão presentes: blocos informativos e hiperligações. Cabe ao leitor escolher por qual agrupamento vai começar uma leitura e qual será o seu itinerário.

Paiva também faz referência a esses grupos de informações. Ela estabelece um comparativo entre a chamada pirâmide invertida empregada nas reportagens tradicionais e a hipertextualidade da mídia digital. Naquela primeira técnica, a descrição dos fatos segue uma ordem decrescente de importância; neste último método, “opta-se por um texto separado em blocos em que a parte introdutória aborda o mais importante e o restante corpo da história é repartido em blocos com recurso a hiperligações” (PAIVA, 2022, p.20 e 21). Portanto, identifica-se uma leitura não-linear, com caminhos diversos.

Já a multimídia trata da absorção da informação por meio dos cinco sentidos. De acordo com Salaverria (2014, p.27), “referimo-nos àqueles casos onde distintos meios da mesma empresa jornalística articulam as suas respectivas coberturas informativas para conseguir um resultado conjunto”. É o que se verifica em uma cobertura jornalística com diferentes linguagens, como texto, som, imagem ou vídeo.

Outra das características do jornalismo digital é a interatividade. Rost (2014, p.53) a considera uma “ponte entre o meio e os leitores/utilizadores, porque permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos”. Conforme o autor, esse aspecto tornou-se indispensável para a atividade jornalística mesmo fora da internet, com o aumento da participação do público, que é cada vez mais atuante.

Uma das consequências dos espaços ilimitados que estão disponíveis na web é a produção de notícias em fluxo contínuo. Simultaneamente, a memória ganhou novas possibilidades de preservação. De acordo com Palacios (2014, 95), “é altamente provável que parte desses registros venha a sobreviver a seus produtores, da mesma forma que as marcas nas pedras ou pinturas nas cavernas sobreviveram aos produtores neolíticos que as criaram”. A consideração é válida tanto para o jornalismo profissional quanto para depoimentos que os usuários publicam na web, inclusive anonimamente, avalia o autor.

A instantaneidade é uma das marcas da era atual. Para Bauman (2000, p.158), “se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade ‘fluída’ não tem função para a duração eterna”. Os efeitos da pós-modernidade descritos pelo sociólogo polonês também estão presentes no jornalismo. A noção de tempo mudou e a velocidade da produção de notícias acompanhou essa alteração, que causou impacto na imprensa.

Segundo Bradshaw (2014, p.116), “o desafio fundamental é que agora as notícias estão a ser produzidas sem as limitações do espaço físico que sustentava a organização das redações”. Dessa forma, o autor constata que a apuração, a produção e a publicação de notícias acontecem simultaneamente. As novidades perecem cada vez mais rápido.

A respeito da personalização de publicações na internet, Lorenz (2014, p.141) ressalta o papel dos segmentos de consumo. Ele identifica que “leitores, telespectadores e utilizadores são apresentados com uma caótica, mas altamente diversificada, experiência de notícias personalizadas”. Todos estariam contemplados, mesmo que em nichos de áreas de interesse.

Nessa perspectiva, os algoritmos também contribuem com a personalização das notícias. Por meio dos dados dos usuários, empresas podem conseguir “não apenas saber o que pesquisamos na internet, mas também prever nossas próximas decisões de compra, deslocamento ou em quem votaremos nas próximas eleições” (SANTOS, 2022, p.3). Saber mais sobre o comportamento do público pode facilitar a criação de produtos específicos.

Por fim, outra das particularidades do jornalismo digital é a ubiquidade. Ubíquo diz respeito a estar presente em todos os lugares. No contexto jornalístico, significa “que todos podem não apenas acessar notícias e entretenimento, mas participar e fornecer sua própria contribuição com conteúdos para compartilhamento e distribuição global” (PAVLIK, 2014, p.160). Há uma pluralidade maior de fontes para os profissionais da mídia. A ubiquidade vai ao encontro da interatividade, característica já analisada neste capítulo. Por outro lado, assim como contribui, a possibilidade de o público produzir material informativo pode torná-lo um concorrente da imprensa tradicional.

Os aspectos elencados nesta seção não surgiram de uma única vez no jornalismo digital. É um processo de cinco gerações, que será explanado no próximo subcapítulo.

3.1. As cinco gerações

A primeira geração do jornalismo digital é conhecida como transpositiva. As principais reportagens eram transpostas das publicações para os sites. Conforme Mielniczuk (2001, p.2), trata-se da fase em que “os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de parte dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na internet”. A atualização, salienta a autora, era executada a cada 24 horas, seguindo o fechamento dos periódicos. Não eram empregados tratamentos específicos de linguagem para o suporte digital.

No início do jornalismo na web, as empresas de comunicação demonstraram pouco entusiasmo com a novidade. Alves (2006, p.94) definiu esse momento como o “pecado original: a simples transferência do conteúdo de um meio tradicional para outro novo, com pouca ou nenhuma adaptação”. Os veículos

convencionais de mídia não teriam acreditado, naquele momento, nas potencialidades das inovações tecnológicas.

A expressão que se utiliza para denominar a segunda geração é metáfora. Os jornais começam aos poucos a tentar ativar os recursos disponíveis na internet. São adicionados links de acesso a outras notícias e o email torna-se uma forma de contato entre jornalistas e público. Mielniczuk (2001, p.2) identificou que “mesmo ‘atrelado’ ao modelo do jornal impresso, os produtos começam a apresentar experiências na tentativa de explorar as características oferecidas pela rede”. Inicia-se também o uso do hipertexto.

Barbosa (2001) analisou a mudança ocorrida no Brasil. Segundo a autora, as publicações mais relevantes, como o Jornal do Brasil, deslocaram-se para a web inicialmente no modo transpositivo. Em seguida, os jornais perceberam que o então novo meio possuía singularidades e passaram a adotar práticas específicas de produção. Permaneciam, contudo, espelhando-se no modelo impresso.

A terceira geração do jornalismo digital é conhecida como webjornalismo propriamente dito. É a primeira incursão dos profissionais da imprensa na produção de materiais específicos para a internet. Mielniczuk (2001, p.2) apontou a criação de “sites jornalísticos que extrapolam a ideia de uma simples versão para a web de um jornal impresso e passam a explorar de forma melhor as potencialidades oferecidas pela rede”. Entre as características presentes estavam aparecendo: interatividade, customização de conteúdo, hipertextualidade e multimídia.

A fusão de uma empresa de tecnologia, a Microsoft, com outra de comunicação, a NBC, foi considerada por Reges (2010, p.35 e 36) um fato marcante dessa geração, também chamada de período hipermidiático. Ele entendeu que “percebendo a potencialidade e facilidades de negócios proporcionadas pela mídia, empresas partem para o lançamento de produtos exclusivos para a internet”. Nesse caso, o resultado foi a criação do site de notícias www.msnbc.com.

Na esteira do avanço gerado pelo webjornalismo, surgiu a quarta geração. O Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) agregou as bases de dados (BDs)

à atividade dos profissionais da mídia. Barbosa (2008, p.2) ressaltou que não se trata de algo novo, mas que essa utilização evoluiu e transformou as bases de dados em “uma das mais imprescindíveis soluções para o armazenamento, a estruturação e o compartilhamento de informações”. Com efeito, as BDs atendem às demandas e às necessidades apresentadas pela sociedade. Elas auxiliam, também, na estruturação do trabalho jornalístico, seja na produção ou na circulação das notícias, tornando-se um modelo.

Ainda de acordo com Barbosa (2008, p.5), a denominação JDBD vai ao encontro das funções garantidas pelas BDs. Relacionado ao JDBD existe “uma nova metáfora para a representação de conteúdos de natureza jornalística, a *database aesthetics* ou estética base de dados”. Entre os diferenciais elencados estão a flexibilidade e o poder de se reinventar das BDs.

As BDs podem ser abordadas pela dimensão cultural. Machado (2005, p.1) traça um paralelo entre elas e as narrativas da literatura e do cinema: “a Base de dados emerge como a forma cultural típica para estruturar as informações sobre o mundo/realidade na cultura dos computadores”. Nessa perspectiva, os usuários podem contar com uma variedade de opções de navegação na web e de armazenamento de fontes.

Finalmente, a quinta geração, chamada de jornalismo convergente e continuum multimídia, é a fase das mídias digitais e das mídias móveis, com o uso de *smartphones* e *tablets*. Barbosa (2013, p.33) considera que nessa etapa existe uma “atuação conjunta, integrada, entre os meios, conformando processos e produtos, marcado pela horizontalidade nos fluxos de produção, edição e distribuição dos conteúdos, o que resulta num continuum multimídia”. Como mencionado, utilizam-se tecnologias digitais, bases de dados e algoritmos na produção jornalística. Essa geração vai ao encontro do crescimento do acesso à internet através de dispositivos móveis. No Brasil, a quase totalidade da navegação na rede foi realizada por meio de *smartphones* ou *tablets* em 2018, como demonstrado por Assunção (2022).

As características da quarta e da quinta gerações do jornalismo digital abriram caminho para o surgimento de novos formatos de produtos midiáticos.

Entre eles, é possível citar os podcasts jornalísticos, que utilizam BDs, algoritmos e distribuição multiplataforma dos conteúdos gerados. Os podcasts podem ser considerados também uma forma de jornalismo convergente. Conforme Belochio (2012, p.58), a convergência é uma “consequência das mudanças do perfil e do comportamento dos cidadãos, mais participativos e atuantes na paisagem midiática da contemporaneidade”.

Além disso, a convergência ampliou as possibilidades de narração de histórias, capacidade fundamental para o jornalismo. Refletindo sobre o filme *Matrix* e os seus produtos derivados, Jenkins ponderou sobre alguns dos elementos presentes:

Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de parque de diversões. Cada acesso à franquia deve ser autônomo, para que não seja necessário ver o filme para gostar do game, e vice-versa. Cada produto determinado é um ponto de acesso à franquia como um todo. A compreensão obtida por meio de diversas mídias sustenta uma profundidade de experiência que motiva mais consumo (Jenkins, 2008, p.135).

O autor elenca, ainda, aspectos como a produção cultural participativa e a inteligência coletiva. Na lógica da convergência, a produção comunicacional é mais complexa, entregando aspectos novos de uma história em plataformas diferentes e com linguagens distintas. Há uma interação entre os conteúdos.

Outro dos elementos da quinta geração do jornalismo digital é a multiplataforma, relacionada a uma das sete características do webjornalismo, a multimídia/convergência. Barbosa (2013, p.38) lembra que a busca por novas plataformas é uma constante do trabalho da mídia, em função de sua natureza criativa. De acordo com a autora, “a tecnologia sempre foi um fator preponderante para o aprimoramento dos procedimentos da produção jornalística, do trabalho dos profissionais, da oferta informativa, dos modelos dos produtos. Dessa forma, distâncias foram superadas.

Barbosa, Silva e Nogueira (2013), em outra abordagem, destacaram características da distribuição multiplataforma. Eles analisaram como veículos de imprensa distribuem os seus produtos em quatro plataformas: web, edição

impressa, *smartphones* e *tablets*. O resultado encontrado foi em nível transpositivo (conteúdo do impresso replicado nas demais). A web foi explorada com infográficos, imagens e podcasts. No recorte de pesquisa, nem todos os recursos da web estavam acessíveis nos dispositivos móveis.

No contexto da quinta geração, é necessário avaliar também o conceito de jornalismo móvel. Para Satuf, trata-se de “um conjunto de práticas de produção, edição, circulação e consumo de conteúdos jornalísticos em dispositivos portáteis digitais que agregam conexão ubíqua e conteúdos por demanda” (2015, p.444). O autor acrescenta a integração de variados formatos midiáticos. Ele ressalta que móvel é diferente de portátil, o que o jornal e o rádio foram. Para tanto, o jornalismo móvel reúne elementos como ubiquidade, adaptabilidade e multifuncionalidade.

Cabe mencionar, ainda, a pressão exercida pelas chamadas *big techs*⁸ sobre jornalistas e veículos de mídia. Empresas como a Meta, proprietária do Facebook, do Instagram e do WhatsApp, ganham dinheiro com os conteúdos multiplataforma produzidos por profissionais do jornalismo, embora sem os remunerar por esse trabalho. Não obstante, essas empresas de tecnologia também são contrárias às legislações que buscam estabelecer regramentos sobre o que é publicado nas mídias sociais digitais: “quando convém, as plataformas são apenas tecnologias neutras, como elas gostam de se posicionar ao se esquivar da responsabilidade sobre o conteúdo” (DIAS, 2023, n.p).

No decorrer do tempo, o jornalismo digital foi agregando características e recursos, adaptando-se à velocidade das inovações tecnológicas. Após um início marcado por desconfianças, as empresas de comunicação entenderam que o digital era uma realidade que trazia desafios, mas também oportunidades. No próximo capítulo será abordado o formato podcast, que está presente tanto na quarta quanto na quinta geração do jornalismo digital.

⁸ Empresas de tecnologia e inovação como o Google e a Meta, que dominam o mercado digital em que atuam, exercendo influência na sociedade.

4. PODCAST

Embora aparente ser uma novidade, o conteúdo de áudio digital conhecido como podcast já tem história. São quase vinte anos em que os meios de comunicação tradicionais - como rádio, TV ou jornais – e os produtores independentes, atuam nessa mídia na Internet. Segundo Bonini (2020, p.14), “o termo *podcasting* foi cunhado originalmente em fevereiro de 2004 pelo jornalista britânico Ben Hammersley num artigo para o diário *The Guardian*”. A expressão é uma junção das palavras *broadcast* (difusão ou distribuição de conteúdos de rádio ou TV) e *pod* (tocador de áudio portátil da empresa de produtos eletrônicos *Apple*).

Bonini atribuiu a popularização do podcast em nível mundial a quatro fatores: a evolução da qualidade dos produtos, a multiplicação dos *smartphones*, o crescimento dos financiamentos coletivos e a ascensão das plataformas de redes sociais. Para o autor, o formato deve ser compreendido como “um meio digital massivo em si, não como uma alternativa à radiodifusão, nem como uma renovação de sua forma, com novos mercados emergentes e modelos de negócios” (2020, p.19). Ele apontou que o número de ouvintes também está crescendo, o que seria promissor para o rádio. Gambaro e Ferraz (2024) identificaram uma demanda por escuta imersiva, em que elementos do podcast como o potencial expressivo e a complexidade da narrativa estariam conquistando a audiência.

O podcast desenvolveu-se em um ambiente de produção, distribuição e consumo por meio de multiplataformas. Viana relaciona a forma de consumo do formato digital – notadamente por *smartphones*, com o uso de fones de ouvidos – ao comportamento dos usuários. Essa combinação “caracteriza-se por proporcionar uma escuta atenta, diferentemente daquela destinada ao rádio” (2022, p.34). Nessa perspectiva, ela concluiu que a linguagem também é diferente, podendo ser mais elaborada no podcast, já que dispensaria a repetição de informação. Em caso de dúvida, o ouvinte pode reproduzir mais de uma vez um determinado trecho do episódio, em função do caráter assíncrono.

A assincronia na maneira de ouvir é uma das particularidades desse

conteúdo digital. De acordo com Primo (2005, p.17), “a ultrapassagem interativa do podcasting em relação à radiodifusão ocorre em sua abertura para o debate”. O ouvinte tem a autonomia de poder consumir o produto quando quiser e interagir posteriormente. A audiência não precisa ser simultânea, como tradicionalmente ocorreu no meio radiofônico por meio das ondas hertzianas.

A respeito das características identificadas por Canavilhas (2014) e elencadas no capítulo 3 desta dissertação, acredita-se que o podcast de alguma maneira as absorveu em parte ou no todo. Elementos do jornalismo digital, portanto, podem ser apontados como uma das influências que contribuíram para a criação ou aperfeiçoamento do formato digital de áudio. Essa relação foi investigada por Gaspar, que levou em conta a realidade de Portugal.

O jornal português Público desenvolveu um produto sonoro chamado ‘P24⁹’, podcast de notícias que foi baseado no ‘*The Daily*¹⁰’, iniciativa do jornal norte-americano *The New York Times*. Sobre o projeto, a autora salientou a “potencialidade de ser mais acessível, e poder estar em locais e horas do dia em que os leitores não conseguiriam estar a consultar o site ou o próprio jornal” (GASPAR, 2018, p.49).

Nos podcasts jornalísticos, os componentes apontados por Canavilhas podem ser potencializados. A hipertextualidade está presente nos trechos de edições de outros programas que são inseridos nos episódios, resultando em uma espécie de montagem. O formato proporciona a transmissão de informações por vários meios, sendo uma forma de multimídia. Já a interatividade e a instantaneidade podem ser oportunizadas de diversas formas, como nos comentários que a audiência envia nas plataformas e mídias sociais digitais, quando os programas são em tempo real. O acervo que é constituído pelas postagens vai formando uma memória. A personalização acontece principalmente nos podcasts segmentados ou de nicho de público. Por fim, as produções sonoras digitais estão cada vez mais encontradas em todos os lugares, indo ao encontro da ubiquidade.

⁹ <https://open.spotify.com/show/5IZAmAJI3ZjKPqUCGGRTzD>

¹⁰ <https://open.spotify.com/show/3IM0lmZxpFAY7CwMuv9H4g>

Conforme exposto no primeiro capítulo desta dissertação, o formato podcast cresceu no país nos últimos anos. Na modalidade jornalística das produções sonoras digitais, há registro de programas que alcançaram vinte milhões de downloads em menos de um ano (Amorim e Araújo, 2021). Não obstante, surgiram modelos com propostas distintas. Os recursos audiovisuais foram evoluindo, com investimento maior em equipamentos sofisticados, tornando o resultado mais profissional. Por conta desse cenário, Tigre (2021, p.51-53) criou uma tipificação de formatos de podcast, apresentada no Quadro 3, com suas diferenças de estética e de conteúdo, além de apresentar exemplos.

Quadro 3 – Tipos de podcast

Formato	Estética	Conteúdo	Exemplos
Mesacast	Mesa-redonda de áudio digital.	Especialistas são convidados para aprofundarem determinado assunto.	Nerdcast ¹¹ , Mamilos ¹² , Café com ADM ¹³ e Xadrez Verbal ¹⁴ .
Entrevista e videocast	Entrevistas com transmissão em vídeo.	Conversas com peculiaridades de uma entrevista, com pequenos trechos recortados que podem gerar mais engajamento e monetização.	Flow ¹⁵ , Podpah ¹⁶ e Inteligência Ltda ¹⁷ .
Storycast	Narrativas em áudio digital.	Histórias reais como crimes ou disputas entre empresas privadas.	Projeto Humanos ¹⁸ e Guerras Comerciais ¹⁹ .
Endocast	Endomarketing	Empresas	BASF ²⁰ e

¹¹ <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>

¹² <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>

¹³ <https://administradores.com.br/podcast/>

¹⁴ <https://xadrezverbal.com/>

¹⁵ <https://www.youtube.com/c/flowpodcast>

¹⁶ <https://www.youtube.com/c/podpah>

¹⁷ <https://www.youtube.com/c/Intelig%C3%AAnciaLtda>

¹⁸ <https://www.projetohumanos.com.br/>

¹⁹ <https://open.spotify.com/show/47DApGgXv6FHT1nI2jfCvu>

²⁰ <https://www.basf.com.br/pt.html>

	através do áudio digital.	transmitem mensagens internas aos seus colaboradores, com o áudio substituindo o email.	Novartis ²¹ .
Notícias e insights	Notícias e assuntos aprofundados em áudio digital.	Linguagem de radiojornalismo com notícias menos perecíveis, análises e reflexões.	Café da Manhã (Folha de São Paulo), O Assunto ²² (G1) e Café Brasil ²³ .

Fonte: TIGRE, 2021, p.51-53, adaptado pelo autor.

Essa diversidade de estilos demonstra como o podcast pode atingir públicos variados e contemplar propostas inovadoras. Cris Bartis, que apresenta o podcast Mamilos, acredita que a aproximação com o ouvinte é um dos fatores que explica o crescimento dessa mídia digital, já que “a voz é a segunda coisa que mais desperta ocitocina no corpo humano, só perde para o toque” (BARTIS apud TIGRE, 2021, p.138). Uma relação de afinidade pode ser estabelecida nessa interação. Vale destacar que esse contato mais próximo é uma das características que foram herdadas do rádio.

O podcast também pode ser analisado enquanto produto de mídia gerado pela atividade comunicacional. Produtos comunicacionais são formados por processos criativos. Nesta perspectiva, a comunicação é entendida como Indústria Criativa. O produto criado vai beneficiar um cliente, não no sentido comercial, mas pensando cliente como uma instituição ou uma pessoa que está sendo auxiliada (FEIL & GUINDANI, 2018, p.88). Já se o beneficiado fizer parte da Indústria Criativa, é possível incluir o podcast no âmbito da comunicação para a Indústria Criativa. Portanto, podcasts são produtivos criativos em si.

Como já aconteceu com o rádio, o formato de áudio digital passou por questionamentos em função do teor de discursos proferidos nos programas. Um

²¹ <https://www.novartis.com.br/>

²² <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/>

²³ <https://open.spotify.com/show/2DNv9FnP1oFlq4MozCxo2C>

dos casos ocorreu no Brasil no ano de 2022. O apresentador do podcast Flow, Bruno Aiub, conhecido como Monark, foi demitido do programa após defender a existência de um partido nazista no país (UOL, 2022). Esse produto de mídia pode ser tipificado no formato ‘entrevista e videocast’, em que entrevistas são transmitidas em vídeo e pequenos trechos da conversa são publicados, podendo gerar maior engajamento. São os chamados ‘cortes’, publicados nas mídias sociais, que contam com títulos chamativos nos vídeos e podem provocar curiosidade, fazendo com que o público compartilhe o conteúdo, procure a íntegra da entrevista ou, ainda, busque outros materiais do mesmo criador.

Vale esclarecer que para este estudo o Flow não foi considerado um podcast jornalístico. O videocast foi citado para exemplificar que a responsabilidade com notícias e opiniões divulgadas precisa ser uma constante. Entende-se que os podcasts jornalísticos buscam utilizar técnicas e procedimentos que evitem a disseminação de discursos de ódio ou informações falsas, por se reportarem aos valores e técnicas do campo jornalístico.

O caso envolvendo o *podcaster* Monark trouxe à tona, ainda, o debate sobre os limites da liberdade de expressão nas mídias sociais digitais, em particular, e na internet como um todo. Em 2023, a discussão em terras brasileiras foi marcada pelo Projeto de Lei Nº 2630/2020, também conhecido como PL das Fake News. A proposição instituiria a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, criando formas de combater a disseminação de informações falsas nas redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas (G1, 2023). O projeto foi retirado por pressão das *big techs* e de políticos de extrema-direita.

Outra abordagem utilizada pelo rádio e mantida nos podcasts é a comunicação regional. Carneiro refletiu sobre um produto de áudio digital criado no Estado do Tocantins. Inicialmente, ela ponderou que “à medida que a globalização foi avançando surgiu a necessidade de afinidade cultural e partilha de interesses no âmbito da realidade individual de cada um (2023, p.126)”. Nessa conjuntura, emergiram movimentos que buscaram afirmar as suas identidades regionais. Um dos exemplos elencados por Carneiro foi o podcast ‘Defensoria em

Prosa'²⁴. O conteúdo foi criado pela Defensoria Pública estadual:

Então, o produto traz uma proximidade com a região, com situações características do local e um personagem real. Essas particularidades ficam evidentes ao mostrar Seo Justino presenteando a defensora com um saco de pequi, fruto comum da região e que os tocantinenses costumam consumir e oferecer como agradecimento (Carneiro, 2023, p.138).

Por meio da capacidade de propagação da internet, as culturas regionais são apresentadas para outras localidades. A diversidade resiste no contexto da globalização. Documentam-se, também, os saberes e os hábitos de um povo.

Cabe avaliar, ainda, o podcast no cenário da convergência dos meios de comunicação. Retoma-se Jenkins (2008, p.135) para pontuar que “mídias diferentes atraem nichos de mercado diferentes. Filmes e televisão provavelmente têm os públicos mais diversificados; quadrinhos e games, os mais restritos”. Nesse sentido, os podcasts atuam em produções que podem combinar áudio e vídeo, empregando linguagens distintas, voltados a audiências variadas, conforme exemplificado na tipificação proposta por Tigre (2021).

Além da convergência, o formato de áudio digital pode ser abordado pela perspectiva da remediação. Isso ocorre quando uma mídia surge e conserva determinadas características da anterior, “tentando absorver inteiramente um meio tradicional, de modo que as descontinuidades entre os dois são minimizadas (BOLTER & GRUSIN apud Santos & Miranda, 2022, p.22). Para Canavilhas (2012, p.9 e 10), “a remediação pode ser uma acumulação de conteúdos de diferentes origens distribuídos numa mesma plataforma”. Acontece, portanto, uma renovação. Estabelecendo um comparativo com o rádio, o podcast agregou elementos novos, como o consumo sob demanda, os *feeds* e, atualmente, o *streaming*, mas manteve o principal: a emissão sonora através da voz humana.

É possível refletir sobre esse conteúdo de áudio digital pelo ponto de vista da inovação. O conceito está longe de ser um consenso. Rossetti (2013, p.65) considera que inovação pode ser compreendida tanto como efeito quanto como ato: “pensada como efeito, a inovação indica o próprio produto novo e diz respeito

²⁴ <https://open.spotify.com/show/3YOeOeAMqz7QbNsOiOrLpd>

tanto à coisa nova que surge do ato de inovar como ao sujeito que se inova”. Acerca do conceito compreendido como ato, a autora entende que o foco está na ação que vai gerar algo novo. São movimentos, portanto, que resultam em uma novidade.

A inovação também pode ser classificada como quantitativa – multiplicação, ou relativa – diversificação. No primeiro caso, por ser uma “reprodução que indica mais repetição que inovação, entretanto, pode mudar o sentido do original” (ROSSETTI, 2013, p.69). No segundo, a diversificação está representada no fato de não ser a mesma coisa que já existia, mesmo que a diferença seja apenas numérica. Após vinte anos de sua criação, um podcast em si já não é mais uma inovação. Contudo, quando se propõe o formato para abordar um tema que ainda não foi explorado – ou pelo menos não naquela perspectiva - entende-se que pode estar sendo gerada uma inovação.

Foi o caso do podcast jornalístico Itaqui em Cena – exposto no capítulo 1 - que ensejou a presente dissertação. O produto pode ser considerado uma inovação, já que não havia um conteúdo de mídia semelhante que investigasse a história do Festival Itaquiense de Teatro (FIT). O empreendimento sobre o FIT pode ser avaliado, ainda, como uma forma de inovação social. O conceito entende que “a inovação social surge como uma das formas de se buscarem alternativas viáveis para o futuro da sociedade humana” (BIGNETTI, 2011, p.4). Conforme o autor, a inovação social acontece quando o conhecimento é usado para resolver problemas da coletividade. Ele ressalta a necessidade da colaboração de todas as partes envolvidas no processo, buscando novas soluções para demandas sociais. Aponta, ainda, que a relação entre quem desenvolve a inovação social e quem dela usufrui deve ser próxima e constante, podendo contar com empreendedores sociais, organizações e movimentos sociais.

Na sua dimensão social, a inovação apresenta especificidades. A inovação social é intangível ou imaterial, aproximando-se mais de uma possibilidade de serviço do que da entrega de um produto (BIGNETTI, 2011, p.8). Outro fator de diferenciação é o processo de criação. O usuário do serviço gerado é um

participante ativo ao longo do desenvolvimento da inovação social. Objetiva-se também a maior difusão possível do valor que foi criado.

Pretendeu-se nesta seção avaliar o podcast a partir de sua origem, aspectos essenciais e potencialidades, sabendo que haveria outras tipificações possíveis. O formato será analisado a seguir em sua vertente jornalística.

4.1. Podcast jornalístico

O ingresso do jornalismo no universo dos podcasts pode ser compreendido tanto como uma necessidade quanto como uma consequência natural. No primeiro caso, uma necessidade de se adaptar ao crescimento dos meios digitais e procurar alternativas diante da crise do modelo de negócios, exemplificada pela redução na circulação de jornais. No segundo, uma consequência da sua natureza, inovadora e dinâmica, que sempre buscou se aperfeiçoar e se apropriar das tecnologias, como aconteceu com o advento do rádio ou da TV. De alguma forma, o jornalismo no decorrer do tempo foi apropriando-se dos produtos midiáticos à medida que eles foram surgindo. Esse segmento propõe-se a tentar caracterizar os podcasts jornalísticos.

Com quase duas décadas de existência, o formato podcast passou por mudanças. Burchard (2021, p.57) apontou, no entanto, que “as singularidades do formato podcast rodeiam sobre a forma de consumo no dia a dia, a variedade de programas e qualidade, praticidade de produção e consumo”. Santaella (2001, p.83) salientou que quando se pesquisa sobre tecnologias midiáticas, demanda-se “uma abordagem multidisciplinar para dar conta de seus variados aspectos”. Portanto, entende-se que esse conteúdo de áudio digital pode ser transpassado por pesquisas de áreas mais tradicionais da comunicação, como a radiodifusão, que vão agregar ao que está sendo pesquisado sobre o formato digital.

A era da convergência também chegou ao rádio. Kischinhevsky (2016) definiu o fenômeno como o rádio expandido, entendendo que houve um transbordamento desse meio de comunicação para os dispositivos móveis digitais. Segundo o autor, o rádio na internet “potencializa a circulação de seus conteúdos e explora sua maior vantagem competitiva diante da TV e da imprensa: a

comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas” (KISCHINHESVSKY, 2016, n.p). Por meio desse prisma, o rádio conseguiu compatibilizar-se com os meios digitais, abrindo caminho para inovações sonoras.

Partindo da premissa de que o podcast remediou o rádio – porque manteve determinados traços – considera-se que entre essas características está a abordagem jornalística. Bufarah (2020) apresentou uma proposta para classificar os podcasts jornalísticos no Brasil, revisitando os modelos de Marques de Melo e de Lucht, que será demonstrada no Quadro 4.

Quadro 4 – Classificação de podcasts jornalísticos

Informativo	Opinativo	Interpretativo	Utilitário	Diversional
Nota: descrição de um fato em processo de realização	Editorial: conteúdo não assinado que representa a opinião da empresa	Coberturas especiais: esforço concentrado na busca de informações específicas	Trânsito: informe sobre problemas de mobilidade urbana	História de vida: mais amplo que a biografia e o perfil, amplia os dados pessoais
Notícia: ampliação da nota, contendo um relato integral do fato	Comentário: explica e contextualiza a notícia	Perfil: apresentação de aspectos relevantes de uma personalidade	Previsão do tempo: dados acerca da previsão meteorológica	Feature radiofônico ou história de interesse humano: informação mais trabalhada e atrativa, com recursos sonoros e artísticos
Flash: relato rápido com informações que respondam às questões essenciais	Resenha: apreciação de produtos culturais	Biografia: aborda realizações relevantes de um personagem	Roteiro: indicações sobre atividades culturais	Fait divers radiofônicos: notícias variadas como escândalos, curiosidades e fofocas
Manchete:	Crônica:	Documentário	Serviço de	

similar ao flash, mas apresentado no estúdio	conteúdo breve relacionado a cenas do cotidiano; entre a informação e a narração literária	radiofônico: apresenta documentos como registros e utiliza montagens na narrativa	utilidade pública: dados sobre serviços públicos e privados	
Boletim: matéria breve composta pela narração do repórter e sem entrevistas	Testemunhal: apresentador narra fatos que ocorreram com ele e orienta ouvintes	Divulgação técnico-científica: matéria que foca nas inovações tecnológicas em curso	Cotação: índices econômicos e de negócios	
Reportagem: material que narra fatos corroborado por trechos de entrevistas	Debate: participantes com visões diferentes são mediados por um moderador	Enquete: gravação de entrevistas com o público em locais de grande circulação	Necrologia: informes sobre falecimentos de pessoas	
Entrevista: forma básica de levantamento de dados	Painel: diferente do debate por poder prescindir do contraditório		Indicador: avaliação de tipos de produtos e de preços	
	Charge eletrônica: crítica humorística			
	Participação do ouvinte: uma das fontes de informação da emissora			
	Rádio-Conselho: apresentador ou especialista ouve problemas dos ouvintes e oferece soluções			

Fonte: BUFARAH,2020, p.06-10, adaptado pelo autor

A proposição do Quadro 4 faz referência apenas aos recursos narrativos utilizados nos podcasts. A ficha de classificação completa elaborada pelo autor é mais ampla. Ela traz itens como dados gerais, aspectos formais, recursos de

produção, variáveis temáticas, formato, tempo, autoria, finalidade, periodicidade e interatividade, que não fazem parte do escopo deste estudo.

Entre os aspectos jornalísticos presentes nos podcasts, Lima (2021, p.31) identificou no diálogo um desses elementos: “para se fazer jornalismo é preciso entrevistar, conversar, ou melhor, dialogar para conseguirmos obter informações”. Ele acrescentou o uso de dados para subsidiar o debate e a participação de especialistas no assunto como outras características imprescindíveis. Dessa forma, o conteúdo gerado é mais consistente.

Burchard investigou a atuação jornalística nesse formato digital pelo ângulo da transparência. A autora considera que a participação de jornalistas apresentando um relato por meio da voz cria “um conteúdo que busca informar ao mesmo tempo que traz os bastidores da reportagem, autorreferencia o jornal, caminha entre as plataformas e mostra um outro lado do jornalismo” (BURCHARD, 2021, p.92). Ela concluiu que o áudio pode tornar mais interessante a narrativa, em função de nuances e variações sonoras de quem estiver falando.

Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p.177) apontaram a necessidade que as empresas de comunicação tiveram de reconfigurar os seus conteúdos, em função do processo de convergência. Tal acontecimento foi evidenciado na “indústria da radiodifusão com a emergência do *podcasting*, modalidade de rádio sob demanda, em que o internauta pode baixar os arquivos de áudio para seu computador”. Segundo os autores, a convergência abrangeu tanto o jornalismo quanto o rádio. Salaverria e Negrodo (2008) também trataram sobre a convergência jornalística, destacando que a essência do jornalismo permaneceu, contudo, a linguagem e o contexto foram modificados.

O surgimento dos podcasts jornalísticos também pode ser examinado à luz dos contratos de comunicação. De acordo com Charaudeau, todos os atos de comunicação ocorrem em um determinado ambiente, pertencendo a um contrato que possui dispositivos específicos:

A comunicação midiática realiza-se segundo um duplo processo de transformação e de transação. Nesse caso, o ‘mundo a descrever’ é o lugar onde se encontra o ‘acontecimento bruto’ e o processo de transformação consiste, para a instância midiática, em fazer passar o acontecimento de um estado bruto (mas já interpretado), ao estado de mundo midiático constituído, isto é, de ‘notícia’; isso ocorre sob a

dependência do processo de transação, que consiste, para a instância midiática, em construir a notícia em função de como ela imagina a instância receptora, a qual, por sua vez, reinterpreta a notícia à sua maneira. Esse duplo processo se inscreve, então, num contrato que determina as condições de encenação da informação (Charaudeau, 2010, p.114).

Conforme o autor, esse contrato de comunicação é o gerador do espaço público, onde é construída a opinião pública. O podcast jornalístico, nesse sentido, encontra nos ambientes digitais o seu espaço público, principalmente por meio de dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*. Pode ser considerado, também, que uma parcela da opinião pública esteja presente nas mídias sociais digitais, onde os principais assuntos do momento acabam ganhando repercussão. Cabe salientar que os algoritmos das plataformas digitais também influenciam a opinião do público, já que lucram com o engajamento gerado por discursos de ódio ou pela desinformação.

O conceito de um podcast jornalístico ainda está em construção. Contudo, é possível identificar algumas características do formato. O produto manteve elementos do jornalismo e do rádio, como a reportagem, a entrevista com especialistas, a periodicidade e a coleta de dados prévia para embasar o diálogo. Além disso, também se destaca a comunicação alicerçada no som, que possibilita ao público executar outras tarefas de modo concomitante. O próximo capítulo investigará o problema central deste estudo: como elementos do jornalismo interpretativo foram apropriados pelos podcasts selecionados.

5. JORNALISMO INTERPRETATIVO NOS PODCASTS

Como foi exposto no capítulo sobre os gêneros jornalísticos, o jornalismo interpretativo procura explicar ao público os principais assuntos do momento de uma maneira mais contextualizada que a vertente informativa. Para tanto, empregam-se técnicas de reportagem, entrevista e pesquisa, em que as notícias são analisadas em profundidade, dando uma dimensão que pretende ser mais próxima da realidade para a população. Para tanto são indispensáveis os antecedentes, a conjuntura atual e os possíveis prognósticos de um acontecimento. O cerne desta pesquisa é tentar entender como elementos desse gênero são apropriados por podcasts jornalísticos.

O *corpus* de análise deste trabalho é formado por dois podcasts produzidos por veículos de referência da imprensa brasileira. O primeiro deles é o ‘Café da Manhã’ do jornal Folha de São Paulo. Lançado em 1º de janeiro de 2019, o programa é uma parceria entre o periódico e a plataforma *Spotify*²⁵. A apresentação, quando esta pesquisa foi realizada, era feita pelos jornalistas Magê Flores, Gabriela Mayer e Gustavo Simon, indo ao ar diariamente nas manhãs de segunda a sexta-feira. A duração média de tempo é de trinta minutos.

O ‘Café da Manhã’ aborda temas como política, economia e assuntos internacionais, pautando também reportagens exclusivas do jornal que ganharam destaque no noticiário. Especialistas são entrevistados para contextualizar pautas que estejam na ordem do dia dos debates. Outros repórteres da Folha de São Paulo também participam do podcast como convidados. Assim como aconteceu com o português ‘P24’, a principal inspiração para o projeto da publicação impressa foi o ‘*The Daily*’ (BARSOTTI e SANTA CRUZ, 2021). De acordo com as autoras, produções brasileiras semelhantes também se basearam na iniciativa do periódico dos Estados Unidos. Os episódios do ‘Café da Manhã’ podem ser ouvidos em plataformas digitais ou no site do jornal, conforme ilustra a Figura 2.

²⁵ Plataforma digital de conteúdos de mídia de áudio e vídeo utilizada com frequência por podcasts



Figura 2. Site da Folha de São Paulo com chamadas para episódios do podcast 'Café da Manhã' (Crédito da imagem: Folha de São Paulo).

O podcast 'Estadão Notícias' é produzido pelo jornal O Estado de São Paulo e estreou em abril de 2017. Vai ao ar nas manhãs de segunda a sexta-feira, apresentado, no momento da realização desta pesquisa, pelo jornalista Emanuel Bomfim, eventualmente substituído pelo jornalista Gustavo Lopes.

O 'Estadão Notícias' tem foco em temas da atualidade como política, economia e educação. As entrevistas são realizadas com especialistas no tema de cada episódio ou com repórteres que estejam cobrindo a pauta para o jornal. Com frequência, a notícia exclusiva do dia anterior – que rendeu a capa da publicação - acaba virando o assunto da edição seguinte do podcast. Em média, os episódios têm trinta minutos de duração. Da mesma forma que o 'Café da Manhã', o 'Estadão Notícias' está disponível tanto em plataformas digitais como no site da franquia jornalística responsável pelo produto, conforme ilustra a Figura 3.



A escalada de tensão no Oriente Médio: os houthis e as pretensões do Irã

Por Gustavo Lopes Alves

18/01/2024 | 00h10 • Atualização: 18/01/2024 | 00h11

Figura 3. Site d'O Estado de São Paulo que apresenta a chamada para o episódio mais recente do podcast 'Estadão Notícias' (Crédito da imagem: O Estado de São Paulo).

A respeito dos dois programas selecionados para esta dissertação, esses produtos midiáticos podem ser tipificados, além de podcasts jornalísticos - como notícias e insights, levando em conta o formato apresentado por Tigre (2021). Em relação à estética, tratam de notícias e assuntos que são aprofundados em áudio digital com uma linguagem semelhante à do radiojornalismo, focando em análises e reflexões sobre os temas.

5.1 Procedimentos Metodológicos

Em relação aos procedimentos metodológicos delineados para esta dissertação, inicialmente foi feita uma revisão da literatura sobre o tema, para entender o que vinha sendo publicado a respeito do assunto proposto, com enfoque nas reflexões sobre a utilização do jornalismo nos podcasts. De acordo com Echer (2001, p.3), “a revisão de literatura é importante, também, para casos em que temos o assunto, mas não o problema”. Ela aponta que esse método possibilita ter uma dimensão do que já foi publicado e do que ainda necessita de reflexão.

Foi realizada uma pesquisa documental, por meio de uma investigação em que foram ouvidos e analisados os episódios dos programas Café da Manhã e Estadão Notícias. Segundo Sá-Silva, Almeida e Guindani (2009, p.2), a utilização de documentos em pesquisas “possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja

compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural” e, portanto, deve ser valorizado.

Nesta dissertação os documentos selecionados são os áudios dos dois podcasts jornalísticos elencados para a pesquisa. Conforme Cechinel et al (2016, p.2), “os documentos podem ser dos mais variados tipos, escritos ou não, os quais incluem diários, documentos de entidades públicas e privadas, gravações, correspondências, fotografias, filmes, mapas”. Os autores consideram que a pesquisa documental analisa materiais que ainda não receberam o devido tratamento científico.

Na sequência deste estudo, portanto, foi empreendida uma análise descritiva – inspirada na análise de conteúdo - dos episódios que foram escolhidos por meio de um protocolo, identificando características e técnicas do jornalismo interpretativo. Para Bardin (1977, p.9), a análise de conteúdo varia entre o “rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade, absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito retido por qualquer mensagem”.

Já na construção do *corpus* formado por dez episódios de dois podcasts produzidos por franquias jornalísticas foi utilizada a técnica de pesquisa denominada semana construída. De acordo com Teramo apud Zúñiga e Valido (2017, p. 123), tal escolha “permite obter uma mostra aleatória da informação da mídia ampliando o alcance da seleção” (tradução nossa). Evitam-se, assim, distorções que podem ocorrer por conta de um dado momento histórico. Ao todo, foram cinco episódios de cada um dos dois podcasts jornalísticos selecionados, totalizando dez edições dos programas, que foram publicadas entre os meses de janeiro e maio de 2023.

Nessa perspectiva, a formatação de semana construída está composta por cinco dias, que vão de segunda-feira a sexta-feira, periodicidade em que os dois podcasts são publicados, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 – Semana Construída

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
----------------------	--------------------	---------------------	---------------------	--------------------

Episódio de janeiro do podcast Café da Manhã	Episódio de fevereiro do podcast Café da Manhã	Episódio de março do podcast Café da Manhã	Episódio de abril do podcast Café da Manhã	Episódio de maio do podcast Café da Manhã
Episódio de janeiro do podcast Estadão Notícias	Episódio de fevereiro do podcast Estadão Notícias	Episódio de março do podcast Estadão Notícias	Episódio de abril do podcast Estadão Notícias	Episódio de maio do podcast Estadão Notícias

O escopo de dez episódios abrange o período de cinco meses do ano de 2023, resultando em uma amostragem mais abrangente. Cada edição tem duração de cerca de trinta minutos. Pretendeu-se, assim, analisar um conjunto de assuntos e abordagens que estão distanciados por um determinado intervalo de tempo maior.

Para concretizar o objetivo de compreender como podcasts jornalísticos estão apropriando-se de elementos do jornalismo interpretativo, construiu-se um protocolo de análise. Para criar esse regramento adotou-se como critério a utilização de aspectos presentes nos conceitos propostos por dois autores de referência nos estudos sobre gêneros jornalísticos: Marques de Melo (1985) e Erbolato (2001), que foram citados no capítulo 2. Os elementos extraídos desses conceitos foram adaptados pelo autor desta dissertação para constituir o protocolo de análise a ser aplicado na análise de conteúdo (Quadro 6). Os cinco aspectos apropriados enquanto categorias de análise foram: antecedentes do acontecimento; contextualização do acontecimento; prognóstico do acontecimento; análise de especialista no assunto; pesquisa em profundidade. O critério adotado para definir o especialista levou em conta a formação acadêmica do profissional. Optou-se por não considerar os jornalistas como especialistas nos assuntos.

Quadro 6 – Protocolo de análise

Episódio analisado	Antecedentes do acontecimento	Contextualização do acontecimento	Prognóstico do acontecimento	Análise de especialista no assunto	Pesquisa em profundidade
Episódio 1: Café da Manhã					
Episódio 2: Café da Manhã					
Episódio 3: Café da Manhã					
Episódio 4: Café da Manhã					
Episódio 5: Café da Manhã					
Episódio 6: Estadão Notícias					
Episódio 7: Estadão Notícias					
Episódio 8: Estadão Notícias					
Episódio 9: Estadão Notícias					
Episódio 10: Estadão Notícias					

Após a análise de cada um dos dez episódios será possível verificar a presença em maior ou em menor grau de elementos do jornalismo interpretativo nos podcasts. Portanto, qual teor de interpretação identificado no episódio.

Ao final da próxima subseção, um novo quadro vai apresentar os resultados de todas as análises, preenchendo com as expressões **satisfatório**, **parcialmente satisfatório** ou **insatisfatório** cada um dos cinco componentes do protocolo. Trechos de transcrições dos podcasts serão destacados para demonstrar a presença de elementos do gênero interpretativo. Para ser considerado satisfatório será necessário responder a todos os componentes do protocolo. Identificando-se três ou quatro componentes vai ser considerado parcialmente satisfatório. Por fim, será definido como insatisfatório quando houver menos de três componentes identificados.

5.2 Análise dos episódios

O **primeiro episódio** escolhido para análise é intitulado ‘Os desafios de ontem e hoje no combate à fome no Brasil’, publicado pelo ‘Café da Manhã’ no dia 6 de janeiro de 2023, com duração de 26 minutos e 8 segundos. Desse tempo, 21 minutos e 36 segundos foram utilizados para abordar o assunto. Apresentado pelas jornalistas Magê Flores e Angela Boldrini, a proposta foi refletir sobre a situação atual da fome no Brasil, debater acerca das medidas adotadas por gestões anteriores e avaliar as ações anunciadas pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que iniciou o mandato no mês em que o episódio foi ao ar. O podcast entrevistou a historiadora Adriana Salay, que pesquisa a história da fome no país. Na sequência, são analisadas as cinco categorias apresentadas no protocolo de análise.

Antecedentes do acontecimento: Salay explicou que “a fome é um problema estrutural, resultado das nossas desigualdades sociais, de raça, classe e gênero” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023). Ela citou também o agravamento do problema em decorrência da pandemia da Covid-19, além do enfraquecimento de políticas públicas voltadas ao setor ocorrido durante o governo de Jair Bolsonaro, como a redução de recursos do Programa de Aquisição de Alimentos (UOL, 2022). A

historiadora recordou que no ano de 2014 o Brasil saiu do Mapa da Fome das Organizações das Nações Unidas (ONU). Contudo, ela colocou a conquista em perspectiva:

Eu costumo dizer que o Brasil saiu do Mapa da Fome, mas a fome não saiu do Brasil, porque naquela época o índice significava que menos de 5% da população estava em situação de fome, o que nos números brasileiros a gente ainda está falando de bastante gente (Café da Manhã, 2023).

A pesquisadora recordou que várias iniciativas foram desenvolvidas para erradicar a fome no país ao longo dos anos, como o programa Fome Zero²⁶. Por outro lado, ponderou que não havia sido instituída ainda a discussão sobre a qualidade do alimento, utilização de agrotóxicos, que representaram um avanço em relação à garantia ao acesso.

Contextualização do acontecimento: no início do episódio, as apresentadoras recuperaram declarações do atual presidente da República, em que Lula salientou que o combate à fome seria uma prioridade em seu terceiro mandato. Foram veiculadas, também, manifestações dos ministros do Meio Ambiente e Mudanças do Clima, Marina Silva, e da Agricultura e Pecuária, Carlos Fávaro, a respeito do assunto. Magê e Angela citaram dados recentes que evidenciaram a gravidade do problema:

Hoje mais de trinta e três milhões de pessoas passam fome no país. O índice de insegurança alimentar é o pior desde que a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional começou a coletar essas informações em 2004. Em outubro do ano passado, o Datafolha mostrou que praticamente 1/4 dos brasileiros não tinha comida suficiente em casa (Café da Manhã, 2023).

As jornalistas acrescentaram que 34% daqueles que declararam não ter acesso a alimentos eram beneficiários do programa social Auxílio Brasil, que foi criado em 2021 pelo governo anterior para substituir o Bolsa-Família.

Prognóstico do acontecimento: Salay considerou promissora a retomada de programas sociais interrompidos nos últimos anos, mas salientou a necessidade de debater o assunto por outros ângulos: “não basta só alimentar, a

gente tem que avançar em outras políticas também, como a discussão sobre os agrotóxicos” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023). Ela alertou, ainda, que poderá ocorrer uma disputa dentro do governo - formado por uma coalização heterogênea - em que investimentos sociais poderão ser cortados em nome do equilíbrio das contas públicas. A correlação de forças políticas pode ser um fator decisivo nessa questão, segundo a análise.

Análise de especialista no assunto: Professora Adriana Salay (Unicamp), doutora em História Social (USP), realiza pesquisas sobre a fome no Brasil.

Pesquisa em profundidade: o episódio trouxe levantamentos da Organização das Nações Unidas, Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, e Datafolha, que embasaram a discussão. A entrevista com a especialista foi ilustrada com trechos de reportagens veiculadas no decorrer dos anos que serviram para documentar o assunto.

O **segundo episódio** analisado é ‘A crise yanomami e como militares atuam na Amazônia’, publicado pelo ‘Café da Manhã’ no dia 8 de fevereiro de 2023, com duração de 25 minutos e 19 segundos. Desse tempo, 21 minutos e 17 segundos foram utilizados para tratar do assunto. Apresentado pelas jornalistas Gabriela Mayer e Magê Flores, a proposta foi discutir o papel das Forças Armadas na retirada de garimpeiros daquele território indígena, além de avaliar a estratégia traçada pelos militares para a região. O podcast entrevistou o cientista político João Roberto Martins Filho, que pesquisa as instituições governamentais e o Exército brasileiro.

Antecedentes do acontecimento: Martins afirmou que desde os anos de 1930 o Exército manifesta preocupação com o risco de uma invasão estrangeira à Amazônia, o que demandaria a entrada dos militares no território:

A primeira menção que eu encontrei sobre a questão da Amazônia como um risco foi em 1937 em um documento do Estado-Maior do Exército. Depois disso houve uma série de livros e autores civis que denunciaram a possibilidade de grandes países, principalmente os Estados Unidos, terem algum tipo de intervenção nessa área. Durante a Guerra Fria, o Brasil tinha uma doutrina de segurança nacional que achava que havia espaços vazios na Amazônia e que a Amazônia devia ser vivificada (Café

²⁶ Programado criado em 2003 pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que articulava ações voltadas à alimentação, geração de renda, apoio à agricultura familiar e mobilização e controle social.

da Manhã, 2023).

De acordo com o pesquisador, foi essa concepção que ensejou a construção de estradas na região. Após o fim da Guerra Fria, contudo, a preocupação dos militares passou a ser com o território yanomami, em função dos indígenas serem considerados antropologicamente uma nação: “não é que os garimpeiros sejam protegidos, mas entre duas ameaças, os militares ficam com a ameaça indígena” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023). Embora sem evidências, o Exército consideraria que a nação yanomami representaria um risco à soberania do Brasil, pois poderia reivindicar a independência daquele território, segundo o autor.

Contextualização do acontecimento: o episódio iniciou elencando as ações tomadas pelo Governo Federal em resposta às denúncias de invasão de garimpeiros na terra indígena yanomami e a crise humanitária. O Ministério da Saúde decretou emergência de saúde pública no local (G1, 2023). O território fica situado entre os estados de Roraima e Amazonas. Imagens de indígenas sofrendo com desnutrição – inclusive crianças - foram divulgadas pela imprensa.

Gabriela Mayer e Magê Flores lembraram que a relação dos militares com a Amazônia é antiga. A disposição de influenciar as políticas públicas também é: “por trás dessa postura, existia uma doutrina que defendia a ocupação de um espaço visto como vazio e a proteção da soberania da Amazônia contra supostos inimigos externos” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

As apresentadoras lembraram que essa visão fez parte da Ditadura Militar no país. Iniciativas e discursos de membros das Forças Armadas também estão pautados nesse pensamento.

Prognóstico do acontecimento. Martins avaliou que o atual governo deveria retirar os militares colocados pela gestão anterior em órgãos destinados à proteção ambiental e a políticas voltadas aos povos indígenas. De acordo com o pesquisador, “há centenas de oficiais militares, muitos deles da ativa, que tinham sido enviados para controlar esses órgãos” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023). O resultado, segundo o cientista político, foi inviabilizar a ação dessas instituições públicas que possuem a prerrogativa de proteger tanto o meio ambiente quanto os povos originários. Para o autor, esse esvaziamento facilitou a invasão de

garimpeiros e o aumento da violência na região, como foi o caso do assassinato de um jornalista inglês e de um indigenista brasileiro (G1, 2022.)

Análise de especialista no assunto: Professor João Roberto Martins Filho (UFSCar), doutor em Ciências Sociais (Unicamp), que realiza pesquisas e publica livros sobre Estado brasileiro, Forças Armadas e Defesa Nacional.

Pesquisa em profundidade: o episódio apresentou materiais do Arquivo Nacional, exibindo peças de propaganda produzidas pelos governos militares a respeito da Amazônia. O podcast trouxe também trechos de reportagens e declarações de autoridades que trataram do conflito na Reserva Yanomami.

O **terceiro episódio** escolhido para análise é intitulado ‘O etarismo em um país cada vez mais velho’, publicado pelo ‘Café da Manhã’ no dia 15 de março de 2023, com duração de 27 minutos e 18 segundos. Desse tempo, 22 minutos e 52 segundos foram utilizados para tratar do assunto. Apresentado pelas jornalistas Magê Flores e Gabriela Mayer, a proposta foi refletir sobre o preconceito e a discriminação no Brasil contra pessoas por conta da sua idade, principalmente os idosos. O podcast entrevistou a antropóloga Mirian Goldenberg, que pesquisa o tema há cerca de 30 anos e assina uma coluna no jornal Folha de São Paulo.

Antecedentes do acontecimento: Mirian afirmou que, embora tenha havido avanços em determinados setores, a violência física ou psicológica contra pessoas em função da sua faixa etária piorou ao longo de três décadas em que ela estuda o assunto:

A maior violência está dentro das nossas casas, invisível (...) é uma realidade cotidiana dos mais velhos (...) sofrem calados, por medo, por vergonha, até por culpa de terem criado filhos e netos que agem assim. 51% da violência contra os mais velhos é praticada pelos próprios filhos e filhas. Isto é invisível, ninguém enxerga e ninguém denuncia (Café da Manhã, 2023).

Ainda conforme a antropóloga, o preconceito foi escancarado durante a pandemia da Covid-19. A pesquisadora recordou que à época se dizia que “velho vai morrer de qualquer jeito, é uma doença de velho” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023). O pânico de envelhecer, por fim, seria uma das causas que explicariam esta discriminação, segundo a entrevistada.

Contextualização do acontecimento: a abertura do episódio trouxe

áudios de comentários emitidos por três universitárias que debocharam de uma colega pelo fato de ela ter mais de 40 anos de idade e estar iniciando uma graduação. Para as estudantes, a ingressante já deveria estar aposentada. As declarações foram precedidas por uma trilha sonora – incluída pelo podcast - que potencializou o ambiente de drama vivido pela mulher que sofreu a discriminação.

A notícia gerou repercussão e o programa pautou o assunto, buscando compreender a dimensão do caso. Logo após as manifestações das três estudantes, as jornalistas explicaram o que é o etarismo e afirmaram que no Brasil a população idosa está crescendo.

Na sequência, um trecho de uma matéria apresentou mais dados. Segundo a reportagem, “até a década de 80, a população brasileira tinha o aspecto de uma pirâmide: muito mais jovens do que idosos” (CAFÉ DA MANHÃ). Contudo, os indicadores estimados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam para uma inversão no futuro, com uma população com idade cada vez mais elevada.

Prognóstico do acontecimento: a entrevistada projetou para os próximos anos a necessidade de políticas públicas voltadas aos idosos. Apesar de reconhecer a dificuldade de mudar uma cultura de discriminação com pessoas mais velhas, a antropóloga entende que o momento é ideal para avançar no debate sobre a qualidade de vida desse segmento da população brasileira: “a sociedade já mudou, só que a ‘velhofobia’ não morreu” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

Conforme Mirian, o mercado de trabalho precisa incorporar os idosos, que cada vez estão mais ativos e lúcidos. Ela afirmou que suas pesquisas já apontam uma mudança nesta direção. Acrescentou que pessoas com 90 anos ou mais não temem a morte, mas o que denomina como morte simbólica, que é a perda da autonomia e o aumento da dependência de terceiros. Com dados do IBGE, o programa projetou, ainda, que em 2060 o país terá mais idosos que jovens.

Análise de especialista no assunto: Professora Mirian Goldenberg (UFRJ), doutora em Antropologia Social (UFRJ), que realiza pesquisas há cerca de 30 anos sobre gênero e envelhecimento, além de publicar livros e assinar colunas de jornais.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou estatísticas do Censo do IBGE, reportagens e pesquisas acerca do envelhecimento da população, além de declarações de personalidades públicas.

O **quarto episódio** selecionado neste estudo tem o título ‘O que pode frear os ataques nas escolas’, publicado pelo ‘Café da Manhã’ no dia 6 de abril de 2023, com duração de 25 minutos e 25 segundos. Desse tempo, 22 minutos e 55 segundos foram utilizados para tratar do assunto. Apresentado pelos jornalistas Gabriela Mayer e Gustavo Simon, a proposta foi debater sobre os ataques com armas ocorridos em instituições de ensino no Brasil, que resultaram na morte de alunos e professores. O podcast entrevistou a professora Flávia Vivaldi, que integra um grupo de estudos e pesquisas em educação moral.

Antecedentes do acontecimento: Flávia entende que o número de ataques em escolas aumentou no país por conta de diversos fatores. Entre eles, uma cultura de incentivo à violência e a normalização de discursos de ódio. Para a especialista, “é como se houvesse uma autorização velada para que, de fato, essa violência seja naturalizada” (CAFÉ DA MANHÃ). Os atentados em ambientes escolares estariam refletindo a intolerância crescente na sociedade, segundo a pesquisadora.

A professora cita, ainda, uma espécie de efeito contágio, em que a divulgação de uma prática de violência por meio da imprensa motiva que outros atos sejam executados. A apresentadora Gabriela Mayer recordou que os autores dos ataques fazem referências a casos anteriores e similares. O processo de radicalização também seria incentivado por grupos que se organizam em fóruns de discussão nos espaços digitais.

Contextualização do acontecimento: o episódio começa informando que em um período de menos de dez dias foram registrados dois ataques a escolas em território brasileiro. Para ilustrá-los, o podcast utilizou trechos de áudios de outras produções jornalísticas. Além disso, foram apresentados dados coletados em um levantamento da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp) que comprovaram o aumento de casos de violência nas instituições de ensino. Segundo o estudo, quase metade dos

ataques ocorridos nos últimos 20 anos aconteceram entre 2022 e 2023, em um intervalo de tempo de oito meses.

Em relação à sonoplastia, os efeitos inseridos no programa contribuíram para a criação de uma atmosfera de tensão e de preocupação que a pauta gera no ouvinte. As trilhas sonoras intercalaram as intervenções dos apresentadores, como forma de complementá-las.

Ainda nos minutos iniciais, foi incluída uma declaração do ministro da Educação, Camilo Santana, anunciando as medidas que seriam adotadas pelo Governo Federal como forma de enfrentamento à questão, que passariam pela atuação de vários ministérios.

Prognóstico do acontecimento: a entrevistada alertou para o risco de novos atos violentos, caso nenhuma atitude fosse tomada. A respeito de políticas públicas, Flávia aponta para a necessidade de acolhimento dos alunos que apresentassem comportamentos menos sociáveis:

Quando nós defendemos que a convivência seja algo de tanto valor como as demais disciplinas da escola, significa você promover na escola espaços de discussão, espaços de participação e diálogo, em que todos e todas se sintam de fato engajados e pertencentes. (...) Há necessidade mesmo de um preparo, evidentemente, dos profissionais da escola para que eles possam oferecer aquilo que a gente chama de escuta ativa, escuta empática (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

Para a pesquisadora, a regulação das plataformas digitais também precisa ser discutida. Ela acredita que a propagação de determinados conteúdos nessas mídias contribui para práticas violentas nos educandários.

Análise de especialista no assunto: Professora Flávia Vivaldi (Unicamp), doutora em Educação (Unicamp), integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPÉM) formado pela Unicamp e pela Unesp, além de realizar pesquisas sobre práticas morais e desenvolvimento de personalidades éticas.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados levantados em estudos da Unicamp e da Unesp, reportagens com o histórico dos ataques no Brasil e nos Estados Unidos e recomendações do relatório produzido durante a transição do Governo Federal por um grupo de trabalho sobre educação.

O **quinto episódio** escolhido para análise é intitulado 'Pode ser o fim da era do dólar?', publicado pelo 'Café da Manhã' no dia 31 de maio de 2023, com

duração de 20 minutos. Desse tempo, 15 minutos e 45 segundos foram utilizados para abordar o assunto. Apresentado pelas jornalistas Magê Flores e Gabriela Mayer, a proposta foi falar sobre como o dólar se tornou a principal moeda de reservas internacionais e quais as possíveis implicações deste cenário. O podcast entrevistou o professor de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Economista-Chefe do Banco Master, Paulo Gala.

Antecedentes do acontecimento: na abertura do episódio, as apresentadoras lembraram que nos últimos dez anos o Brasil deixou de exportar em torno de U\$\$ 56 bilhões para a América do Sul. A região é o principal comprador dos produtos manufaturados do país. O resultado teria como fatores o avanço das relações comerciais dos países sul-americanos com a China e, também, problemas econômicos locais.

A alternativa para superar essas perdas nas negociações poderia ser a utilização de uma outra moeda, que não fosse o dólar. O podcast explicou que “uma moeda única poderia tornar o Brasil mais atraente para parceiros como Argentina e Venezuela, que tem menos acesso ao dólar” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

Do ponto de vista histórico, o entrevistado recordou que o dólar passou a ser referência internacional no início do século XX, sucedendo a libra da Inglaterra. De acordo com o professor, o governo norte-americano financiou boa parte das despesas decorrentes da Primeira Guerra Mundial, tornando-se credor de países europeus que participaram do conflito. Um trecho de uma outra reportagem foi incluído após a análise do economista, com informações complementares.

Contextualização do acontecimento: ainda no início do programa foram inseridas duas declarações do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, incentivando a integração regional em setores como o comércio e questionando o dólar como padrão monetário. Além disso, Paulo Gala afirmou que a discussão sobre a redução da influência da moeda norte-americana tem motivações geopolíticas:

A Rússia e a China têm questionado isso. A colocação de sanções contra a Rússia depois da invasão da Ucrânia acho que despertou um pouco

isso. O conflito comercial e tecnológico também com a China desperta este sentimento na China, contrário ao dólar. Eu acho que a geopolítica tem uma força grande (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

Entretanto, o especialista ressaltou que a moeda dos Estados Unidos permanece como líder nas transações comerciais no mundo, com quase 90% das negociações.

Prognóstico do acontecimento: Gala ponderou que no curto prazo a concretização da substituição do dólar como unidade de referência financeira não deverá ocorrer. Tal mudança depende da aceitação da maior parte dos agentes econômicos e dos países, o que pode levar décadas. De acordo com o professor, “economistas chamam isso de economias de rede, uma moeda só tem aceitação se existe uma rede que aceita esta moeda, e a rede que está construída hoje no mundo é uma rede que aceita dólares” (CAFÉ DA MANHÃ, 2023).

Para o economista, a moeda com mais condições de substituir o dólar seria o yuan, porém, a moeda chinesa precisa resolver problemas de conversibilidade, ou seja, ter capacidade de ser trocada de uma nação para outra.

Análise de especialista no assunto: Professor Paulo Gala (FGV), doutor em Economia (FGV), pesquisador visitante nas universidades de Columbia nos Estados Unidos e Cambridge na Inglaterra. Escreve regularmente na imprensa brasileira e publicou livros sobre Economia Brasileira, Macroeconomia e Desenvolvimento Econômico.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados oficiais sobre a participação do dólar nas reservas internacionais, reportagens veiculadas pela imprensa do Brasil e declarações de autoridades.

O **sexto episódio** escolhido para análise é intitulado ‘O papel dos sindicatos e a revisão da reforma trabalhista no governo Lula’, publicado pelo ‘Estadão Notícias’ no dia 20 de janeiro de 2023, com duração de 23 minutos e 20 segundos. Com exceção dos primeiros instantes, que foram destinados a um anúncio publicitário, todo o tempo foi utilizado para tratar do assunto principal. Apresentado pelo jornalista Gustavo Lopes, a proposta foi discutir a possibilidade de revisão da reforma trabalhista e o impacto que poderia ser causado nas relações de trabalho. O podcast entrevistou o coordenador do Mestrado em

Gestão e Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), professor Marco Antônio Teixeira.

Antecedentes do acontecimento: a mudança na legislação que rege as relações entre capital e trabalho foi instituída em 2017 pelo governo Michel Temer²⁷. Uma das alterações foi a extinção da obrigatoriedade da contribuição sindical, que representava uma das fontes de arrecadação dos sindicatos. Logo na abertura, o episódio apresentou uma declaração do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sobre a questão:

Nós queremos construir junto com o movimento sindical uma nova estrutura sindical. Nós queremos construir com vocês o estabelecimento dos novos direitos que nós queremos constituir em uma economia totalmente diferente da economia dos anos oitenta (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023).

O podcast também veiculou uma manifestação da presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), Gleisi Hoffmann, que afirmou que a reforma trabalhista não gerou os empregos e o desenvolvimento previstos à época da sua aprovação. A partir dessa perspectiva, a dirigente partidária entende que a revisão da reforma seria uma necessidade.

Contextualização do acontecimento: o atual presidente da República recebeu em reuniões em torno de dez representantes de centrais sindicais. Além disso, foi anunciada a criação de três grupos de trabalho para debater a política de reajuste do salário-mínimo e a legislação trabalhista.

Marco Antônio Teixeira analisou que é preciso haver um equilíbrio de forças entre o empresariado e as entidades sindicais para negociarem interesses. Para o pesquisador, “negociação supõe sempre que as partes façam concessão e busquem sempre o melhor entendimento possível para ambas as partes e para a própria sociedade” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). Teixeira acredita que as leis precisam ser revisadas para acompanhar as transformações da sociedade e que a Constituição Federal atribui esta tarefa ao Congresso Nacional. Ele citou que os trabalhadores de aplicativo – como motoristas ou entregadores – precisam ser contemplados pelas legislações, o que não ocorreu na reforma de 2017.

Prognóstico do acontecimento: o entrevistado afirmou que a discussão sobre a garantia de direitos para os trabalhadores de aplicativo é mundial e que a proteção social é necessária em face da precarização deste serviço. Segundo o professor, a manutenção da atual relação de trabalho para esta categoria se aproximaria a uma situação análoga à escravidão. Portanto, precisaria ser modificada. Sobre a valorização do salário-mínimo, ele afirmou que se deve levar em conta as consequências previdenciárias e fiscais para o orçamento público.

Análise de especialista no assunto: professor Marco Antônio Teixeira, coordenador do Mestrado em Gestão e Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), doutor em Ciências Sociais (PUC-SP) e pesquisador do Centro de Estudos de Administração Pública e Governo da FGV.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados oficiais, trechos de reportagens e declarações de autoridades sobre o tema.

O **sétimo episódio** selecionado para a análise é intitulado ‘O cerco que o STF pretende fazer contra os golpistas’, publicado pelo ‘Estadão Notícias’ no dia 6 de fevereiro de 2023, com duração de 21 minutos e 52 segundos. Com exceção dos primeiros instantes que foram destinados a um anúncio publicitário, todo o tempo foi utilizado para tratar do assunto principal. Apresentado pelo jornalista Gustavo Lopes, a proposta foi discutir sobre o novo momento da relação entre os poderes Judiciário, Legislativo e Executivo. O podcast entrevistou a professora de Direito da FGV, Eloísa Machado, que integra um grupo de pesquisa sobre o Supremo Tribunal Federal (STF).

Antecedentes do acontecimento: o programa começou com declarações da então presidente do STF, Rosa Weber, repudiando os ataques antidemocráticos ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023 contra a sede dos três poderes. As manifestações da ministra foram intercaladas por trilhas sonoras que buscaram criar uma atmosfera de apreensão, seguidas por intervenções explicativas do apresentador.

Além de fazer referência à tentativa de golpe de Estado, o episódio

²⁷ Michel Miguel Elias Temer Lulia. 37º presidente da República Federativa do Brasil entre 2016 e 2018.

recordou a relação conflituosa entre a Corte e o presidente da República anterior. O jornalista Gustavo Lopes lembrou que “durante os quatro anos de Jair Bolsonaro a relação foi de ataques à instituição e a ministros da corte” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). Para ilustrar as investidas do ex-mandatário contra os magistrados, foram inseridos trechos de discursos do ex-presidente.

Contextualização do acontecimento: o tema do podcast levou em conta o início das atividades do STF em 2023, além da troca de comando no Governo Federal. Foram inseridas declarações do atual presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, afirmando que a relação entre os poderes seria pautada pela institucionalidade.

O programa também trouxe um trecho de uma reportagem informando que dois ministros do Supremo iriam se aposentar em função de atingirem os 75 anos de idade, abrindo caminho para substituições indicadas por Lula. Além disso, a professora Eloísa Machado ressaltou os desafios enfrentados pela Corte nos últimos anos, destacando os ataques e os questionamentos.

Prognóstico do acontecimento: a respeito da possibilidade de o STF adiar o julgamento de pautas consideradas controversas, a entrevistada analisou que a hipótese não deve ser confirmada, já que há questões que precisam ser enfrentadas:

Não podemos pensar que o Tribunal está acuado, portanto, impossibilitado de julgar casos polêmicos. Não seria admissível. Uma corte constitucional que estaria acuada não serviria certamente para tomar as decisões que são necessárias para o país (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023).

A pesquisadora projetou que a relação entre os poderes voltaria a ser harmoniosa no próximo quadriênio, com uma revalorização do papel da Corte, tanto pelo Executivo quanto pelo Congresso Nacional.

Análise de especialista no assunto: Eloísa Machado, professora de Direito da FGV, doutora em Direitos Humanos (USP), que participa de pesquisas sobre o STF.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados oficiais, trechos de reportagens e declarações de autoridades.

O **oitavo episódio** selecionado para a análise é intitulado ‘França e Israel

em convulsão social', publicado pelo 'Estadão Notícias' no dia 29 de março de 2023, com duração de 24 minutos e 30 segundos. Com exceção dos primeiros instantes, que foram destinados a um anúncio publicitário, todo o tempo foi utilizado para tratar do assunto principal. Apresentado pelo jornalista Emanuel Bomfim, a proposta foi discutir sobre os protestos de rua ocorridos na França e em Israel contra reformas pautadas pelos respectivos governos. O podcast entrevistou o professor de Relações Internacionais da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM Porto Alegre), Roberto Uebel, que pesquisa sobre Geopolítica, Geoeconomia e Geografia dos Negócios Internacionais.

Antecedentes do acontecimento: na abertura do episódio, o apresentador explicou que uma das motivações para a reforma no Judiciário de Israel é religiosa. Judeus ortodoxos entenderiam que a Suprema Corte atrapalharia o modo de vida do grupo. Pela proposição, as decisões judiciais poderiam ser revistas pelo Congresso israelense. Foram inseridos trechos de outras reportagens e áudios das manifestações de rua.

Em relação à França, o governo aumentou de 62 para 64 anos a idade mínima para a aposentadoria, além de rever benefícios de servidores públicos. A apresentação também foi intercalada por reportagens e sonoras dos protestos. O podcast traçou um paralelo entre os dois países e o Brasil, que já aprovou reformas e passa pelo debate de outras.

Contextualização do acontecimento: Roberto Uebel analisou que o Executivo francês aprovou as mudanças previdenciárias sem que o projeto tramitasse pelo parlamento do país. Para o professor, a medida pode ter impulsionado o crescimento de grupos ideológicos radicais à direita e à esquerda, que intensificaram os protestos de rua. Segundo Uebel, "a questão central é que a forma como foi conduzido isso é que trouxe a insatisfação dos franceses, atropelando praticamente a Assembleia Nacional". (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023).

Sobre os atos praticados em Israel, o entrevistado avaliou que governos de extrema-direita – que seria o caso do país do Oriente Médio - buscam enfraquecer os outros poderes constituídos. A sociedade israelense estaria, portanto, reagindo aos ataques às instituições e ao extremismo político.

Prognóstico do acontecimento: o entrevistado projetou que se a reforma no Judiciário de Israel fosse aprovada, a causa palestina seria afetada. Roberto Uebel afirmou que ‘pode trazer mais implicações numa paz definitiva entre Israel e Palestina, porque teria muita interferência do governo’ (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). Ele explicou que o poder de decisão dos governantes de Israel seria maior.

Acerca da situação na França, o professor apontou para as consequências políticas. A revolta com as alterações nas regras para se aposentar poderia desencadear outros descontentamentos da população, como em relação à seguridade social, ao salário-mínimo e à imigração. De modo geral, países europeus evitariam propor mudanças previdenciárias levando em conta a situação francesa.

Análise de especialista no assunto: Roberto Uebel, professor de Relações Internacionais (ESPM Porto Alegre), doutor em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS).

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados oficiais, trechos de reportagens e declarações de autoridades.

O **nono episódio** escolhido para este estudo é intitulado ‘Os desafios de Biden para reeleição nos EUA’, publicado pelo ‘Estadão Notícias’ no dia 27 de abril de 2023, com duração de 23 minutos e 7 segundos. Todo o tempo disponível foi utilizado para tratar do assunto principal. Apresentado pelo jornalista Gustavo Lopes, a proposta foi discutir sobre a próxima eleição presidencial nos Estados Unidos, em que o então governante, Joe Biden, buscaria o segundo mandato. O podcast entrevistou o professor da Universidade de Detroit, Rafael Ioris, especialista em Relações Internacionais.

Antecedentes do acontecimento: o episódio começou com uma declaração do então presidente dos Estados Unidos, anunciando que tentaria a reeleição. O apresentador lembrou que, quando foi eleito, Biden havia deixado em aberta a possibilidade de disputar um segundo pleito. Ainda na abertura do programa, Lopes afirmou que o objetivo de viabilizar um outro candidato do Partido Democrata não havia sido concretizado. Conforme o jornalista, “Kamala Harris, que era vista como uma possível sucessora de Biden, não protagonizou no

cargo de vice-presidente” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). Uma manifestação de Kamala foi veiculada para ilustrar a afirmativa.

Levando em conta que o candidato de oposição deveria ser o ex-presidente Donald Trump, concluiu-se que o cenário político seria favorável para a reeleição de Biden. Informou-se que a rejeição ao mandatário anterior cresceu após a invasão do Capitólio²⁸, prédio símbolo do poder daquele país.

Contextualização do acontecimento: o entrevistado analisou que o perfil do candidato democrata poderia reunir as condições necessárias para a vitória na eleição. Ioris considerou que Biden “consegue atrair um pouco o voto da esquerda do Partido Democrata, mas também um candidato moderado para pegar este voto do meio do eleitorado, voto chamado independente” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023).

Por outro lado, o professor avaliou os fatores que poderiam prejudicar a campanha do então presidente. Entre eles, as dificuldades de dicção e oratória do candidato democrata, além da sua idade. Se fosse reeleito, iniciaria o mandato com 82 anos.

Prognóstico do acontecimento: Ioris elencou os temas que poderiam mobilizar o eleitor norte-americano em 2024. A questão econômica seria uma delas, marcadamente pelos índices de inflação. O entrevistado citou, também, a guerra entre Rússia e Ucrânia, que contava com recursos do governo dos Estados Unidos.

Confirmados os dois candidatos, o pleito teria um caráter inédito, já que a disputa de 2020 seria repetida. Em relação ao ex-presidente, Ioris destacou que “embora pareça que Trump tenha perdido algum apoio, ele tem um eleitorado muito aguerrido, muito forte, por volta de 40% da população que continua muito próxima a ele” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). A tendência, portanto, seria de equilíbrio na eleição.

Análise de especialista no assunto: professor Rafael Ioris (Universidade de Denver), mestre em Relações Internacionais (UnB), escreve livros e artigos

²⁸ Ataque ocorrido no dia seis de janeiro de 2021, promovido por apoiadores do ex-presidente Donald Trump, que tentaram impedir a posse do sucessor eleito, Joe Biden.

sobre política internacional no Brasil e nos Estados Unidos.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados do Instituto Gallup, trechos de reportagens e declarações de autoridades.

O **décimo episódio** selecionado para a análise é intitulado ‘A coroação de Charles III: significados e desafios do novo rei’, publicado pelo ‘Estadão Notícias’ no dia 5 de maio de 2023, com duração de 26 minutos e 47 segundos. Todo o tempo disponível foi utilizado para tratar do assunto principal. Apresentado pelo jornalista Gustavo Lopes, a proposta foi discutir sobre o que se esperava da atuação de Charles III como monarca no Reino Unido. O podcast entrevistou a professora de Relações Internacionais da ESPM, Carolina Pavese.

Antecedentes do acontecimento: o episódio iniciou com o apresentador destacando que o reinado de Elizabeth II durou sete décadas. Em relação ao nome do rei, o jornalista trouxe o histórico relacionado à nomenclatura do novo monarca. Segundo Lopes, os reinados de Charles I e Charles II foram marcados por mudanças e turbulências. Para ilustrar, a edição inseriu trechos de uma outra reportagem e de uma produção cinematográfica.

A entrevistada do podcast analisou o legado da coroa britânica. Carolina recordou que existe um passado colonialista que caracteriza o Reino Unido, além das práticas de escravização e de exploração de pessoas. A professora acrescentou que as brigas que envolvem a família real também podem ser um obstáculo para o novo monarca.

Contextualização do acontecimento: Charles III chegara ao trono em um momento de questionamentos da monarquia no Reino Unido e em países da Commonwealth²⁹. O apresentador do podcast afirmou que o ponto principal de críticas era a falta de transparência com os recursos públicos utilizados para manter a coroa. Lopes citou que duas reportagens publicaram valores diferentes sobre a riqueza do rei, “uma diz que ele possui R\$ 3,7 bilhões e outra R\$ 11,3 bilhões” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023), o que faria Charles ter um patrimônio maior que o da rainha anterior.

²⁹ Comunidade das nações que faziam parte do Império Britânico, além de países do continente africano.

Já Carolina considerou que os índices de popularidade do novo rei precisariam aumentar. A professora avaliou que seria necessário demonstrar que a monarquia ainda mantém a relevância, tanto interna e externamente. Ela acrescentou que o movimento republicano cresceu nos últimos anos na Inglaterra.

Prognóstico do acontecimento: a entrevistada projetou que Charles III não deveria abreviar o período do seu reinado, o que poderia ser feito como resposta a pressões em função da impopularidade do monarca.

A professora afirmou não esperar mudanças profundas, já que a coroa “é uma instituição tradicional e conservadora por natureza e que qualquer tentativa de se reinventar vai ter esse limite” (ESTADÃO NOTÍCIAS, 2023). Sobre a conjuntura econômica, ela projetou que o novo rei aparentava estar preparado para enfrentar os obstáculos e que a monarquia britânica tenderia a crescer em momentos de crise.

Análise de especialista no assunto: professora Carolina Pavese (ESPM), doutora em Relações Internacionais (London School of Economics), realiza pesquisas sobre países europeus.

Pesquisa em profundidade: o episódio utilizou dados do Instituto YouGov, trechos de reportagens, filme e declarações de autoridades.

Após a conclusão das análises dos dez episódios selecionados, o Quadro 7 apresenta os resultados da pesquisa. A tabela é preenchida com as expressões **satisfatório**, **parcialmente satisfatório** ou **insatisfatório** em cada um dos cinco componentes do protocolo estabelecido.

Quadro 7 – Resultados das análises

Episódio analisado	Antecedentes do acontecimento	Contextualização do acontecimento	Prognóstico do acontecimento	Análise de especialista no assunto	Pesquisa em profundidade
Episódio 1: Café da Manhã	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Episódio 2: Café da	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório

Manhã					
Episódio 3: Café da Manhã	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 4: Café da Manhã	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório
Episódio 5: Café da Manhã	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 6: Estadão Notícias	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 7: Estadão Notícias	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 8: Estadão Notícias	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 9: Estadão Notícias	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório
Episódio 10: Estadão Notícias	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Satisfatório	Parcialmente Satisfatório

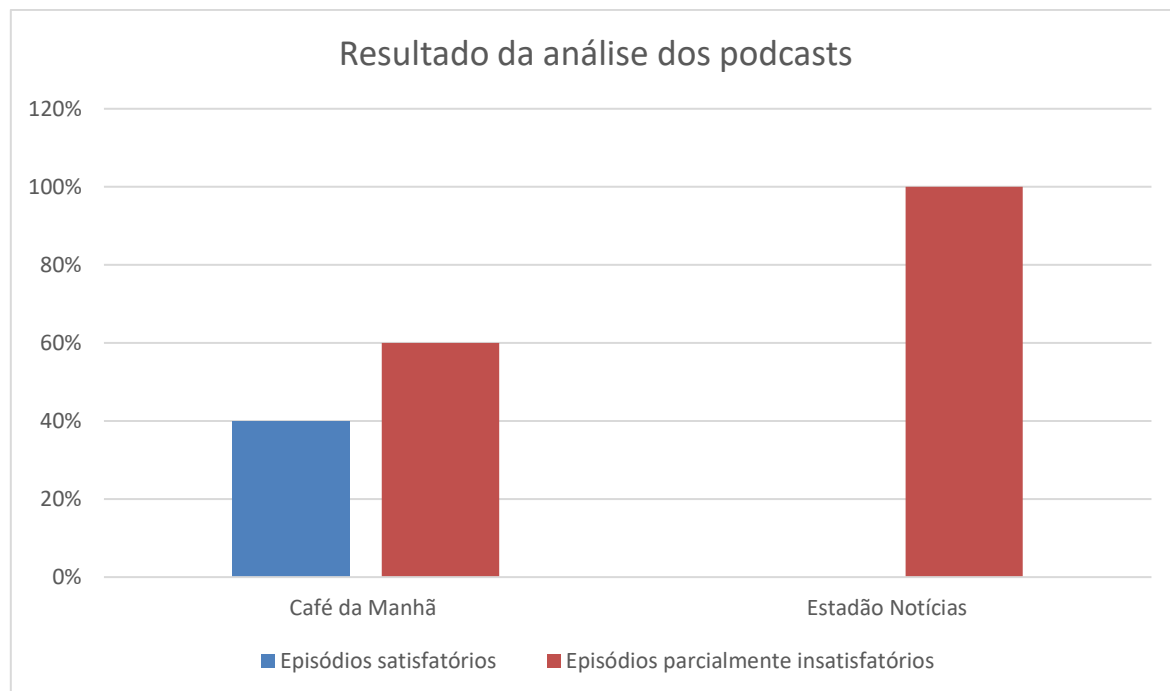
Em relação ao podcast 'Café da Manhã', os episódios 1 e 4 foram considerados satisfatórios em todos os cinco componentes que haviam sido propostos para a análise. Retomando a perspectiva de Beltrão (1980, p.55), concluiu-se que os programas possibilitaram ao público “diferentes ângulos de visão da situação, complementando-as com históricos, depoimentos”. Verificou-se que esses produtos midiáticos não se limitaram a noticiar os fatos, mas efetuaram uma “explicação sobre eles, interpretando e mostrando seus antecedentes e suas perspectivas” (ERBOLATO, 2001, p.33).

O episódio 'Os desafios de ontem e hoje no combate à fome no Brasil', por exemplo, apresentaram declarações de autoridades públicas que se comprometeram com a agenda social. Além disso, dados sobre a fome e a insegurança alimentar evidenciaram a dimensão do problema no país, analisados por uma pesquisadora especialista no tema. A entrevistada estabeleceu comparativos entre o contexto atual e o retrospecto que envolve a questão, destacando semelhanças e diferenças entre os dois momentos.

Os episódios 2, 3 e 5 preencheram quatro dos cinco componentes estabelecidos, já que a pesquisa em profundidade foi parcialmente satisfatória, carecendo de mais dados. Em 'A crise yanomami e como militares atuam na Amazônia', foram utilizadas informações do Arquivo Nacional, além de reportagens. Identificou-se, no entanto, a necessidade de diversificação das fontes buscadas, para oferecer outros pontos de vista sobre o assunto, buscando atingir aquilo que Medina (1978, p.70) conceituou como "informação ampliada". Do total de cinco episódios, 40% foram satisfatórios e 60% parcialmente satisfatórios.

A respeito do podcast 'Estadão Notícias', os episódios 6, 7, 8, 9 e 10 foram considerados satisfatórios em quatro dos cinco componentes definidos para a análise. Nenhum episódio foi avaliado totalmente como satisfatório, necessitando de mais fontes consultadas, o que foi assinalado no item pesquisa em profundidade. Por fim, 100% dos episódios foram parcialmente satisfatórios, como demonstra o Gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 – Resultado da análise dos podcasts



Os dois podcasts jornalísticos conseguiram trazer antecedentes, contextualização e prognóstico dos acontecimentos, avançando nas discussões, indo além do que foi apresentado no noticiário cotidiano. Eles ancoraram-se principalmente no arquivo de reportagens de diversos veículos da imprensa tradicional – especialmente TV e rádio - que são creditados no final de cada episódio e, também, nas análises dos especialistas convidados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a compreender como elementos do gênero jornalístico conhecido como jornalismo interpretativo estão sendo apropriados por podcasts desenvolvidos por franquias jornalísticas. Para atingir essa finalidade, a pesquisa selecionou para análise dois podcasts jornalísticos: ‘Café da Manhã’ (Folha de São Paulo) e ‘Estadão Notícias’ (O Estado de São Paulo). A fim de compor o *corpus* deste estudo, foram escolhidos, ouvidos e analisados dez episódios, sendo cinco de cada uma dessas duas produções de áudio digital. O período compreendido entre as publicações dos episódios foi de cinco meses, entre janeiro e maio de 2023. O tempo de cada programa foi de cerca de 25 minutos.

A partir dos objetivos específicos estabelecidos, foi empreendida uma recuperação dos conceitos basilares do jornalismo interpretativo e as suas características principais. A retomada de textos de autores de referência do jornalismo proporcionou que se extraíssem elementos fundamentais para a criação do protocolo de análise, com os ajustes necessários. Revisitou-se também as cinco gerações do jornalismo digital, identificando-se o ingresso dos podcasts nas duas fases mais recentes e que aspectos influenciaram esse formato digital de áudio. Avaliou-se, ainda, de que maneira os podcasts podem ser entendidos como jornalismo interpretativo.

Em um cenário de queda do consumo de jornais impressos, aumento do acesso à Internet e disseminação de notícias falsas, verificou-se que o podcast cresceu em audiência e engajamento, ocupando espaços. Essa mídia sonora foi incorporada pelo jornalismo, conservando características do meio radiofônico e acrescentando outras particularidades. Da articulação entre imprensa e podcast, surgiu o podcast jornalístico, que apresentou entre as suas possibilidades de abordagem uma opção de análise mais densa dos temas de debate do dia a dia. É o que nesta pesquisa foi chamado de apropriação de elementos do jornalismo interpretativo.

Observou-se a partir da releitura de autores de referência do jornalismo,

como Beltrão (1980), Marques de Melo (1985) e Erbolato (2001) que a mera transposição do conceito de jornalismo interpretativo de revistas para formatos digitais de áudio seria difícil de ser concretizada. O leitor de publicações impressas tende a ser mais atento do que o ouvinte de mídias sonoras, que pode desempenhar outras atividades simultâneas. Por conta disso foi adotada a expressão apropriação de elementos, ou seja, uma utilização adaptada do gênero interpretativo, tendo em vista as especificidades do formato podcast. A periodicidade também é relevante neste comparativo, já que os programas têm edições diárias, enquanto as principais revistas jornalísticas são semanais ou até mensais. Portanto, o tempo de apuração dos podcasts jornalísticos diários é menor.

Outro paralelo que pode ser traçado entre a vertente interpretativa e os podcasts jornalísticos é o contexto histórico de incertezas em que cada iniciativa surgiu. A criação da revista *Time* (Refkalefsky, 1997) tentou orientar a população dos Estados Unidos, que não compreendia os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial. ‘Café da Manhã’ e ‘Estadão Notícias’ procuram explicar aos ouvintes as causas e consequências dos assuntos do noticiário, em uma época de abundância de dados e de informações falsas ou fora de contexto. A demanda por respostas e esclarecimentos que esteve presente no período entre guerras permanece no século XXI e a curadoria jornalística segue necessária. O preenchimento de vazios informativos continua imperioso.

Durante a análise dos episódios foi possível identificar o esforço e a busca das equipes jornalísticas dos podcasts pelo aprofundamento das questões tratadas nos programas, tentando explicá-las e oportunizando ao ouvinte um melhor entendimento. Eles desempenharam o que pode ser chamado de segunda mediação sobre os fatos. Invariavelmente, os temas abordados estiveram em destaque no dia anterior, quando receberam o primeiro tratamento jornalístico.

Entre as fontes que dão suporte para essa releitura estão as próprias edições impressas dos jornais das franquias responsáveis por Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo. Como descrito por Burchard (2021), os podcasts efetivam o processo de convergência, fazendo referência e promoção das

empresas jornalísticas, oferecendo ao público a informação em formatos variados. Quem acompanha as produções sonoras pode ficar interessado em querer saber mais e ir atrás das reportagens dos veículos impressos, citadas nos episódios. Aspectos novos de uma mesma história podem ser revelados em plataformas diferentes.

A partir da pesquisa foi possível concluir, também, que os podcasts desenvolveram-se na perspectiva da quarta e da quinta gerações do jornalismo digital, tendo em vista os conceitos definidos por Barbosa (2008 e 2013). No ambiente marcado pela cultura da convergência (Jenkins, 2008), as franquias jornalísticas lançam os seus produtos midiáticos e distribuem em multiplataformas, seja no próprio site ou em serviços de *streaming* de áudio e vídeo. Esses conteúdos são pensados especificamente para o consumo em dispositivos móveis digitais. A criação é influenciada, ainda, pela produção cultural participativa e pela inteligência coletiva.

Em relação aos dez episódios analisados, concluiu-se que tanto no ‘Café da Manhã’ quanto no ‘Estadão Notícias’ os profissionais empenharam-se para não ficar na superficialidade dos assuntos tratados. Os jornalistas dos dois podcasts iniciaram o seu trabalho a partir de notícias ou reportagens publicadas por outros veículos da imprensa. Ou seja, já houve uma primeira apuração e checagem do material que foi produzido, além da pesquisa, evidenciada por áudios de arquivos que são publicados. Essa dinâmica não elimina totalmente a possibilidade de publicação de informações falsas, mas tende a diminuir os riscos. Como a distribuição ocorre também nas mídias sociais digitais, esses produtos podem se posicionar como uma alternativa de enfrentamento à disseminação de informações inverídicas na Internet, reforçando a legitimidade da imprensa profissional.

Sobre a escolha das pautas abordadas, verificou-se a relevância e o interesse público nos temas, enfoques e análises apresentados. Cumpriram, portanto, os critérios jornalísticos. Questões que estavam em destaque nacional - como política, educação ou economia - foram discutidas e detalhadas. Reafirmou-se, assim, o papel da imprensa como um espaço de excelência para

reflexão e para debate, alicerçado em informações de credibilidade.

Do ponto de vista da técnica de som empregada, os efeitos e trilhas adicionados buscaram contribuir para a construção de sentidos pela audiência. A inserção de trechos de reportagens e depoimentos de autoridades serviram para ilustrar o que estava sendo descrito pelos apresentadores dos programas ou analisado pelos convidados. A edição final dos podcasts demonstrou o tratamento diferenciado dos produtos, inclusive na sonoplastia, em um espaço de tempo que geralmente durava 24 horas.

Ao final desta dissertação concluiu-se que os dois podcasts jornalísticos selecionados para análise apropriam-se de elementos do jornalismo interpretativo de modo ajustado. A procura pela interpretação dos fatos e explicação para o público foi identificada nos dois programas. Entretanto, as características específicas das mídias sonoras digitais são fatores que precisam ser levados em conta para compreendê-las como podcasts jornalísticos que possuem elementos interpretativos.

Restou também a preocupação com o tamanho do desafio atual do jornalismo, que precisa qualificar a produção de notícias em um cenário de abundância de dados e desinformação. Se franquias jornalísticas de referência como Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo encontram dificuldades para atingir tal objetivo, veículos alternativos ou com menor poder aquisitivo enfrentam um contexto ainda mais complexo. Pretende-se dar sequência a esta investigação em nível de doutorado, utilizando os resultados atingidos nesta pesquisa como ponto de partida para estudos mais avançados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Erick Lopes de; OLIVEIRA, Lais Taine de; COSTA, Heron Heloy; NONAKA, Ossamu. **Comtato – jornalismo interpretativo e realidade social**. São Paulo: Intercom, 2012.

ALVES, Rosental Calmon. **Jornalismo digital: Dez anos de Web...e a revolução continua**. Braga (Portugal): Comunicação e Sociedade, 2006.

AMORIM, Andrea de Lima Trigueiro de; ARAÚJO, Maria Jovelina da Cruz Guimarães. **Como o isolamento social causado pela pandemia de Covid-19 impactou o consumo de podcasts no Brasil: uma análise de matérias jornalísticas nacionais**. Curitiba: *Brazilian Journal of Development*, 2021.

ANDRADE, Raíssa Nacer Oliveira de; ANDRADE, Diogo Calasans Melo. **A liberdade de expressão na internet: uma análise acerca dos limites impostos pelo ordenamento jurídico brasileiro**. Fazenda Rio Grande: Revista Contemporânea, 2022.

ASSASSINATO de Bruno Pereira e Dom Phillips; Profissão Repórter acompanhou buscas no Vale do Javari. **G1**, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/06/22/assassinato-de-bruno-pereira-e-dom-phillips-profissao-reporter-acompanhou-buscas-no-vale-do-javari.ghtml> Acesso em 1º de outubro de 2023.

ASSIS, Francisco de Assis. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 2010.

ASSUNÇÃO, Wildson Cardoso. **A interferência do uso dos dispositivos móveis nos hábitos de leitura**. Palmas: Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde/Universidade Federal do Tocantins, 2022.

BARBOSA, Susana. **Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais**. Campo Grande: XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2001.

_____, Susana. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2008.

_____, Susana; SILVA, Fernando Firmino da; NOGUEIRA, Leila. **Análise da convergência de conteúdos em produtos jornalísticos com presença multiplataforma**. Niterói: Revista Mídia e Cotidiano, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARSOTII, Adriana. SANTA CRUZ, Lucia. **O jornalista como fonte: os casos dos podcasts Café da Manhã e Ao Ponto**. Lisboa: Revista Comunicação Pública/Escola Superior de Comunicação Social, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2000.

BELOCHIO, Vivian de Carvalho. **Jornalismo em contexto de convergência: implicações da distribuição multiplataforma na ampliação dos contratos de comunicação dos dispositivos de Zero Hora**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.

BIGNETTI, Luiz Paulo. **As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa**. São Leopoldo: Revista Unisinos, 2011.

BONINI, Tiziano. **A 'segunda era' do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo**. Ouro Preto: Programa de Pós-Graduação em Comunicação/Universidade Federal de Ouro Preto, 2020.

BORGES, Rogério Pereira. **Notícia e reportagem: perenidade de Nilson Lage no ensino de gêneros básicos do jornalismo**. Florianópolis: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, 2022.

BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade: Efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição**. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

BUFARAH, Álvaro. **Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira**. São Paulo: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.

_____, Álvaro; LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo e identidade editorial em podcasts informativos: um estudo de caso do 123 Segundos**. Mariana-MG: Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, 2022.

BURCHARD, Larissa Pereira. **Por trás da reportagem: uma análise sobre o uso da transparência no podcast Café da Manhã**. São Borja: Universidade Federal do Pampa, 2021.

CAFÉ DA MANHÃ. **Os desafios de ontem e hoje no combate à fome no Brasil**. Janeiro de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3Xr4KL3C9PuqTqxytXS>

CAFÉ DA MANHÃ. **A crise yanomami e como militares atuam na Amazônia.** Fevereiro de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1r4ZPoCgHvlfbvPjPF78EI>

CAFÉ DA MANHÃ. **O etarismo de um país cada vez mais velho.** Março de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/11mPjJzSoFB7twTcOC5HfN>

CAFÉ DA MANHÃ. **O que pode frear os ataques nas escolas.** Abril de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/65fJffFi6O6Us2SbxQUvWY>

CAFÉ DA MANHÃ. **Pode ser o fim da era do dólar?** Maio de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4tBsm94Av5dTMNYcnZHSk1>

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

CANAVILHAS, João. **Da remediação à convergência: um olhar sobre os media portugueses.** In: MAIA, Kênia; PEREIRA, Fábio (Orgs.). Mídias digitais, convergência e prática jornalística: desafios e perspectivas. Brasília: *Brazilian Journalism Research*, 2012.

_____, João. **Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas.** In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

CARNEIRO, Maria Tereza Lemes Moreira. **O podcast regional e a categorização do conteúdo produzido no Tocantins.** São Paulo: Revista Alterjor, 2023.

CARVALHO, Luciana Menezes. **Legitimação institucional do jornalismo informativo nas mídias sociais digitais: estratégias emergentes no conteúdo de Zero Hora no Twitter.** Santa Maria: PPGCOM/ UFSM, 2010.

_____, Luciana Meneses; BARICHELLO, Eugenia Mariano da Rocha. **Entendendo as mídias sociais digitais a partir da ideia mcluhaniana de *medium-ambiência*.** São Paulo: Matrizes, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Política.** In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.). A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Acção Política. INCM, 2007.

CECHINEL, André; FONTANA, Silvia Aparecida Pereira; GIUSTINA, Kelli Pazeto Della; PEREIRA, Antonio Serafim; PRADO, Silvia Salvador do. **Estudo/Análise documental: uma revisão teórica e metodológica.** Criciúma: Revista Criar Educação, 2016.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessia para uma nova teoria de gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CORDENONSSI, Ana Maria; MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo interpretativo: os formatos nas revistas Veja e Época**. São Paulo: Intercom, 2008.

COSTA, Caio Túlio. **Política, polarização e o futuro do jornalismo profissional**. In: COSTA, Caio Túlio et al. *Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2021.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DIAS SOUZA, Maurício; MIELNICZUK, Luciana. **Aspectos da narrativa transmidiática no jornalismo da revista Época**. São Caetano do Sul: Comunicação & Inovação, 2009.

DIAS, Tatiana. O jornalismo virou refém: com ou sem lei, depender de *big techs* já é um desastre. **The Intercept Brasil**. São Paulo, 26 de agosto de 2023.

DIGITAL News Report 2023: tendências do consumo de notícias. **FAAP**, 2023. Disponível em: <https://online.faap.br/blog/digital-news-report-2023>

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

ECHER, Isabel Cristina. **A revisão de literatura na construção do trabalho científico**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. São Paulo: Ática, 2001.

ESTADÃO NOTÍCIAS. **O papel dos sindicatos e a revisão da reforma trabalhista no governo Lula**. Janeiro de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3LppSYhWVtGZqD82s3ElnT?si=fsn712KARwCt3BdNq3KETw&nd=1&dlsi=d4406ac086bf4578>

ESTADÃO NOTÍCIAS. **O cerco que o STF pretende fazer contra os golpistas**. Fevereiro de 2023. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/1NQiwyEmlo9xTk2BVKS61e?si=90iiyAGBQaKlwPoUrXWbRQ&nd=1&dlsi=72ee7fae46f34d87>

ESTADÃO NOTÍCIAS. **França e Israel em convulsão social**. Março de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6CvC7M1FZpW24tl9KJIAPD?si=-nLAgAPpR4CWdeEXL6q2qA&nd=1&dlsi=49d49b28e3eb4aca>

ESTADÃO NOTÍCIAS. **Os desafios de Biden para reeleição nos EUA**. Abril de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4eHvdKYplSdQN7LvP84vj6?si=XOchA5CWS6qFqjZQZFZmPw&nd=1&dlsi=df0fa5e6751a46b0>

ESTADÃO NOTÍCIAS. A coroação de Charles III: significados e desafios do novo rei. Maio de 2023. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2sRnJCG3iDoz5nipa36rl3?si=f9Do0DoTR0ybFXVk-zW1Rw&nd=1&dlsi=85fcd87ac9fb4990>

FARIA, Karina. **A radioatriz Celina Ferreira, herança do teatro de revista aplicada na rádio**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2011.

FEIL, Gabriel Sausen; GUINDANI, Joel Felipe. **Comunicação como e comunicação para a Indústria Criativa**. In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). *Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias*. Jaguarão: CLAEC, 2018.

FEITOSA, Sara Alves; BELOCHIO, Vivian de Carvalho. **Quatro relações entre Comunicação e Indústria Criativa**. In: GUINDANI, Joel Felipe; SILVA, Marcela Guimarães (Orgs.). *Comunicação e indústria criativa: políticas, teorias e estratégias*. Jaguarão: CLAEC, 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKI, Marcelo. **Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação**. Porto Alegre: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2009.

FLORES, Tábata Cristina Pires. **A nova mídia podcast: um estudo de caso do programa *Matando Robôs Gigantes***. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

FLOW anuncia a saída do apresentador Monark após apologia ao nazismo. UOL, 2022. Disponível em: uol.com.br/splash/noticias/2022/02/08/flow-anuncia-a-demissao-do-apresentador-

monark-apos-apologia-ao-nazismo.htm. Acesso em 05 de junho de 2022.

FOLETTTO, Jussara. **Desenvolvimento humano através do patrimônio cultural: o caso da Companhia de Artes Sem Fronteiras da cidade de Itaqui, RS, Brasil.** Santa Maria: UFSM, 2019.

FREIRE, Débora Fabianne da Silva. **Discurso e força estética das notícias falsas: um estudo sobre a configuração do gênero *fake news*.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2019.

GAMBARO, Daniel; FERRAZ, Nivaldo. **O podcast de audiodrama em resposta à nova demanda por escuta imersiva.** Rio de Janeiro: Mídia & Comportamento, 2024.

GASPAR, Maria Margarida Viana Colaço Mendes. **Jornalismo digital no século XXI, novas abordagens, novas estratégias: o projeto P24.** Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2018.

ITAQUI, Lei Municipal nº 3.425/09, de nove de fevereiro de 2009. Estabelece o novo calendário de Eventos Oficiais do Município e dá outras providências. **Banco de Leis da Câmara de Vereadores de Itaqui.** Disponível em: http://www.camaraitaqui.rs.gov.br/?action=legislacao_leis&tipo=1&sel=2&texto=cal e&pagina=2. Acesso em 05 de junho de 2022.

JENKINS, Henry. **Em busca do unicórnio de origami: Matrix e a narrativa transmídia.** In: JENKINS, Henry. *Cultura da convergência.* Aleph, 2008.

KISCHINHEVSKI, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

KÜNSCH, Dimas A. **Compreendo ergo sum: epistemologia complexo-compreensiva e reportagem jornalística.** In: Faculdade Casper Líbero (Org.). *Revista Comunicare.* São Paulo: Centro Interdisciplinar de Pesquisa, 2005.

LIMA, Felipe Matheus de Oliveira. **Análise das características jornalísticas no podcast Mamilos: jornalismo de peito aberto.** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

LORENZ, Mirko. **Personalização: Análise aos seis graus.** In: CANAVILHAS, João (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença.* Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

LOVISI, Pedro. Popularidade do podcast sobe no isolamento social. **Folha de São Paulo,** São Paulo, 19 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2021/08/popularidade-do-podcast-s>

obe-no-isolamento-social.shtml. Acesso em 05 de junho de 2022.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos: Análise da Rádio Eldorado de São Paulo**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2009.

MACHADO, Elias. **A Base de Dados como Formato no Jornalismo Digital**. Covilhã (Portugal): Universidade Beira Mar, 2005.

MAGALDI, Sábato. **Iniciação ao Teatro**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MAIA, Pâmela Celina Macedo; LIMA, Tatyana Sá de. **Podcast e Novas Possibilidades para o Radiojornalismo: Uma Análise de Conteúdo do Programa 'O Assunto' do G1**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, 2020.

MARQUES DE MELO, José. **Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos**. In: MARQUES DE MELO, José; LAURINDO, Roseméri; ASSIS, Francisco de. (Orgs.). *Gêneros Jornalísticos – teoria e práxis*. Blumenau: Edifurb, 2012.

_____; ASSIS, Francisco de. **Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, 2016.

MEDINA, Cremilda. **Notícia um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. IN: Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa. 2001. Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf
Acesso em 03 de junho de 2023.

MIRANDA, João. **Desafios ético-deontológicos do jornalismo na era digital**. In: CORREIA, João Carlos; AMARAL, Inês (Orgs.). *De que falamos quando dizemos "jornalismo"?* Temas emergentes de pesquisa. Covilhã (Portugal): Universidade Beira do Interior, 2021.

NEVES, Barbara Coelho; BORGES, Jussara. **Por que as fake news têm espaço nas mídias sociais? Uma discussão à luz do comportamento infocomunicacional e do marketing digital**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2020.

PAIVA, Ana Margarida da Silva. **Jornalismo Cultural na Era Digital: as práticas de produção jornalística. O caso do Gerador**. Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, 2022.

PALACIOS, Marcos. **Memória: Jornalismo, memória e história na era digital.** In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

PAVLIK, John V. **Ubiquidade: O 7º princípio do jornalismo na era digital.** In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

PAZ, Eduarda. A importância do podcast para produzir e divulgar conteúdos. **Revista Arco**, Santa Maria, fevereiro de 2021.

PECQUEUR, Bernard. **O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do sul.** Campina Grande: Raízes, 2005.

PEREIRA, CLARISSA. **A pesquisa em gêneros jornalísticos: um levantamento sobre teses e dissertações com ênfase no meio digital.** Palmas: Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, 2017.

PEREIRA, Merval. **Jornalismo: ética e responsabilidade.** In: COSTA, Caio Túlio et al. Tempestade perfeita: sete visões da crise do jornalismo profissional. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca Ltda, 2021.

PL das Fake News: entenda o que diz o projeto que criminaliza divulgação de notícias falsas na internet. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/02/pl-das-fake-news-entenda-o-que-diz-o-projeto-que-criminaliza-divulgacao-de-noticias-falsas-na-internet.ghtml> Acesso em 12 de maio de 2023.

PPGCIC – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Indústria Criativa. **Universidade Federal do Pampa**, 2021. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcic/linhas-de-pesquisa>. Acesso em 05 de junho de 2022.

PODCAST Café da Manhã alcança 1 milhão de seguidores no Spotify. **Folha de São Paulo**, 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/podcasts/2023/04/podcast-cafe-da-manha-alcanca-1-milhao-de-seguidores-no-spotify.shtml> Acesso em 17 de janeiro de 2024.

PODCAST 'Estadão Notícias' atinge 3 milhões de downloads. **O Estado de São Paulo**, 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/economia/podcast-estado-noticias-atinge-3-milhoes-de-downloads/> Acesso em 17 de janeiro de 2024.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting.** Porto Alegre: Intexto, 2005.

PUTINI, Júlia. Ministério da Saúde decreta emergência de saúde pública para combater desassistência de indígenas Yanomami. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/01/20/ministerio-da-saude-decreta-emergencia-de-saude-publica-para-combater-desassistencia-de-indigenas-yanomami.ghtml> Acesso em 24 de setembro de 2023.

REFKALEFSKY, Eduardo. **Para além do lide: o jornalismo interpretativo brasileiro**. São Paulo: Intercom, 1997.

REGES, Thiara Luiza da Rocha. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. São Francisco de Barreiras: Faculdade São Francisco de Barras, 2010.

RIBEIRO, Gustavo Vilela. **Informação jornalística no rádio: análise de conteúdo comparativa entre o radiojornal Jornal BandNews e o podcast Café da Manhã**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

ROSCOE, Beatriz. Internet é o principal meio de informação para 43%; TV é mais usada por 40%. **Poder 360**. Brasília, 18 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/internet-e-principal-meio-de-informacao-para-43-tv-e-preferida-de-40> Acesso em 20 de maio de 2023.

ROSSETTI, Regina. **Categorias de inovação para os estudos em Comunicação**. São Caetano do Sul: Comunicação & Inovação, 2013.

ROST, Alejandro. **Interatividade: Definições, estudos e tendências**. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

ROXO, Luciana; AGUIAR, Leonel. **O populismo digital e a infodemia: reflexos da desordem informacional no discurso da audiência jornalística**. Lisboa: Revista Comunicando, 2021.

RUBIM, Milton Braz. **Itaqui Grande do Sul – O Resgate de Uma Memória**. Itaqui: Novigraf, 2012.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Rio Grande: Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, 2009.

SALAVERRIA, Ramón. **Multimedialidade: Informar para cinco sentidos**. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã (Portugal): Labcom Communication & Arts, 2014.

SALAVERRIA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergência e meios y reorganización de redaciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editora, 2001.

SANTOS, Rodrigo Otávio dos. **Algoritmos, engajamento, redes sociais educação**. Maringá: *Acta Scientiarum Education*, 2022.

SATUF, Ivan. **Jornalismo móvel: da prática à investigação acadêmica**. Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, 2015.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã: LabCom Books, 2009.

SILVA, Eduardo Vieira da. **Análise de Discurso Crítica: a representação de um festival de teatro na mídia e as potencialidades para o desenvolvimento local**. Itaqui: Universidade Federal do Pampa, 2021.

SILVA, Maurício Severo. **O uso do podcast como recurso de aprendizagem no ensino superior**. Lajeado: Univates, 2019.

SILVA, Victor Hugo. 81% da população brasileira acessou a internet em 2021, diz pesquisa; TV supera computador como meio. **G1**. Rio de Janeiro, 21 de junho de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/06/21/81percent-da-populacao-brasileira-acessou-a-internet-em-2021-diz-pesquisa.ghtml> Acesso em 20 de maio de 2023.

TRAQUINA, Nelson: **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular Livros, 2020.

TURTELLI, Camila. Com escalada de fome no Brasil, governo destrói programa alimentar. **UOL**. Brasília, seis de junho de 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/06/06/com-escalada-de-fome-no-brasil-governo-destroi-programa-alimentar.htm> Acesso em 20 de setembro de 2023.

TIGRE, Rodrigo. **Podcast S/A: Uma revolução em alto e bom som**. São Paulo: Editora Nacional, 2021.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. **Dicionário de teatro**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

VENDRUSCOLO, Rafaela. **“Somos da Quarta Colônia: os sentidos de uma identidade territorial em construção”**. Santa Maria: UFSM, 2009.

VIANA, Luana. **Podcasting e a nova ecologia de mídia**. In: SANTOS, Sílvio; MIRANDA, João. (Orgs.). O podcast e as novas dinâmicas dos conteúdos sonoros

no ambiente digital. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Desordem Informacional: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. Campinas: Unicamp, 2023.

YAHYA, Hanna. Jornais impressos: circulação despenca 16%,1 em 2022. **Poder 360**. Brasília, 31 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/jornais-impressos-circulacao-despenca-16-1-em-2022> Acesso em 20 de maio de 2023.

ZÚÑIGA, Viviana Muñiz; VALIDO, Rafael Ángel Fonseca. **Uso de géneros periodísticos, valores noticia y fuentes de información en los medios de comunicación de Santiago de Cuba**. Madrid: Vivat Academia Revista de Comunicación, 2017.